



Rafael Nascimento

12º COLEGIADO

Conheça as propostas dos conselheiros nomeados para o mandato 2016/2019 do Conselho Federal de Fonoaudiologia

POR DENTRO DA PROFISSÃO

O que está em destaque no novo Código de Ética

CONSELHO ORIENTA

Histórias marcantes sobre o cotidiano da profissão

EDUCAÇÃO

Aspectos históricos e sociais da Fonoaudiologia Educacional

Sumário

Editorial

Pela valorização da Fonoaudiologia3

A Voz dos Crefonos

Crefono 1

Fonoaudiologia contra o tabagismo..... 4

Crefono 2

Fonoaudiologia e Saúde Mental:
um diálogo de potências..... 9

Crefono 3

Novos conselheiros tomam posse no
CRFa 3ª Região14

Fonoaudiólogas de Chapecó promovem
Dia Mundial da Voz.....16

Crefono 4

Fonoaudiologia na saúde do
trabalhador.....18

Crefono 5

Hospital de Urgências de Goiânia
trabalha com aplicação de risco para
disfagia em idosos21

UniNorte abre novo curso de graduação
na área de Fonoaudiologia..... 26

Crefono 6

Crefono 6 ajuda a manter fonoaudiólogos
em cidade mato-grossense..... 29

Crefono 7

Obesidade: combate permanente contra a
doença que mais cresce no mundo..... 31

Crefono 8

Homens na Fonoaudiologia?.....33

Entrevista

“A maioria nos conselhos deve ser
composta pelo cidadão que efetivamente
utiliza os equipamentos de saúde” 39

Capa

Responsabilidade e transparência.....44

Fono na Política

Muito além da promoção da saúde47

Educação

Fonoaudiologia Educacional.....52

Por Dentro da Profissão

Novo Código de Ética. O que está
em destaque?57

Fonoaudiologia no serviço público 59

Fique de Olho

Confira nossa agenda com os principais
eventos da Fonoaudiologia.....61

Campanhas

No alto do pódio62

Conselho Orienta

O cotidiano da Fonoaudiologia.....64

Saúde

Residência multiprofissional70

Pela valorização da Fonoaudiologia

Chegamos ao Conselho Federal de Fonoaudiologia motivados a trabalhar em prol da profissão e cumprir as propostas de nossa Plataforma Eleitoral. Desde a candidatura da chapa Integração assumimos o compromisso de ser referência efetiva como órgão representativo de classe, com o propósito de promover e garantir o exercício ético da Fonoaudiologia. Temos claramente a finalidade de fortalecer e valorizar a autonomia e a dignidade profissional.

Nosso anseio é que todas as ações sejam pautadas no objetivo primordial do Sistema de Conselhos, de acompanhar, supervisionar e normatizar o exercício ético da profissão. E é nesse sentido que cada uma das 22 propostas de nossa Plataforma Eleitoral se apoia em nome da valorização da Fonoaudiologia.

Temos um caminho desafiador para trilhar, e nossas propostas estão voltadas à promoção da conscientização e do incentivo da participação dos profissionais nos processos políticos. Com isso, entendemos que poderemos resguardar, valorizar e fortalecer a profissão e a relação do CFFa com os diversos atores sociais.

Administrativamente, esse grupo que hoje toma posse tem como proposta assegurar e garantir a transparência das decisões políticas, administrativas e financeiras, além de otimizar o sistema de gestão com a definição e o estabelecimento de procedimentos operacionais padrões nas diversas atividades dentro do Conselho. Entre nossas ações, destaque:

>> participação, acompanhamento e elaboração de Projetos de Leis que tenham

como tema a valorização do profissional e efetivo atendimento da população;

>> divulgação da Fonoaudiologia e das diversas áreas de atuação por meio de campanhas nacionais do Sistema de Conselhos e de outras entidades, além de campanhas públicas intersetoriais que envolvam a promoção da saúde;

>> acompanhamento e participação das discussões realizadas nas instâncias de controle social;

>> aprofundamento de parcerias com outras entidades de classe, órgãos, instituições de ensino superior e ministérios, objetivando maior força e suporte nas regularizações, orientações e desenvolvimento de ações de comunicação conjuntas, com fonoaudiólogos e conselhos profissionais.

Ufa! Não será fácil, mas estamos dispostos e motivados a trabalhar e escrever mais esse capítulo da história da Fonoaudiologia.

Ao trabalho, e até a próxima edição. Boa leitura!

Thelma Regina da Silva Costa
Presidente do CFFa
Gestão 2016/2019



FONOAUDILOGIA CONTRA O TABAGISMO

Aline Prado – CRFa1-10614

Sou fonoaudióloga desde 2002, especialista em Voz desde 2007 e trabalho, desde 2006, no Centro Municipal de Saúde Dr. Mário Rodrigues Cid, na zona oeste do município do Rio de Janeiro. Quando comecei a trabalhar no Sistema Único de Saúde (SUS), senti a necessidade de atuar fora do consultório, não só no tratamento de patologias fonoaudiológicas, mas também participando dos programas de promoção de saúde, oferecidos pela Secretaria de Saúde do município. O objetivo maior era divulgar o propósito da Fonoaudiologia e aumentar o reconhecimento da profissão, já que há um leque de possibilidades nas diferentes fases e áreas da vida de um indivíduo em que podemos agir.

Por atuar na área de voz, com frequência recebia pacientes com queixas, cujas causas estavam relacionadas ao tabagismo (que pode causar irritação, pigarro e inchaço na laringe, alterações nas pregas vocais, dificuldades respiratórias e pulmonares, entre

outros problemas). Foi então que tive interesse e me ofereci, em minha unidade, para participar do curso de capacitação do Programa Nacional de Controle do Tabagismo (PNCT). O programa é oferecido pelo Ministério da Saúde por meio da Secretaria Municipal de Saúde, sob a coordenação do INCA (Instituto Nacional de Câncer). A partir de 2007, me cadastrei e implantei o programa no meu local de trabalho e dessa forma venho atuando como profissional da saúde e fonoaudióloga, o que me traz cada vez mais prazer e satisfação devido aos resultados positivos obtidos.





É recompensador ver que tantos fumantes conseguem cessar com o tabagismo e ter consciência dos efeitos prejudiciais, sendo, portanto, multiplicadores e divulgadores do nosso trabalho.

Desde 1989, as ações de controle do tabagismo no Brasil vêm sendo articuladas pelo Ministério da Saúde por meio do INCA, incluindo as ações que compõem o PNCT, que tem como objetivo reduzir o número de fumantes e a consequente incidência de doenças ou óbitos (morbimortalidade) por males relacionados ao tabaco. Em parceria com os estados e municípios, a rede de tratamento do tabagismo no SUS, por meio de suas ações, está fazendo com que cada vez mais fumantes desejem e consigam parar de fumar, além de diminuir a aceitação do tabagismo na sociedade.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o tabagismo é a principal causa de morte evitável em todo o mundo, provocando doenças crônicas e óbitos por patologias pulmonares, coronarianas ou cerebrovasculares, diversos tipos de câncer (pulmão, boca,

A fonoaudióloga Aline Prado em palestra aos novos grupos que chegam para a primeira fase do programa

laringe, faringe, esôfago, pâncreas, rim, bexiga, colo do útero, estômago e fígado), além de ser um fator importante de risco para o desenvolvimento de doenças como tuberculose, infecções respiratórias, úlcera gastrointestinal, osteoporose, infertilidade, entre outras.

O tabagismo é reconhecido como uma doença que causa dependência química, psicológica e comportamental, devido à presença da nicotina. Com isso, os fumantes inalam mais de 4.720 substâncias tóxicas, como monóxido de carbono, alcatrão, amônia, cetona, arsênio, chumbo, níquel, entre outras. Essas substâncias podem produzir irritação nos olhos, nariz, garganta, além de paralisia nos cílios dos brônquios pulmonares. Desse modo, acabam por acarretar várias doenças, muitas incapacitantes e fatais, matando milhões de indivíduos a cada ano. Ademais, o tabagismo passivo (pessoas que inalam a

fumaça por conviverem com fumantes) é tão prejudicial à saúde que ainda gera os mesmos riscos a que estão expostos os fumantes.

O uso do cigarro, além das alterações físicas, interfere na comunicação do indivíduo, provocando diminuição da capacidade respiratória e afetando diretamente a coordenação entre fala e respiração, com alterações também na voz do fumante. Daí a importância de se ter um fonoaudiólogo integrando equipes de promoção de saúde no combate ao tabagismo.

Os tabagistas devem ser convencidos de que parar de fumar melhora a qualidade de vida e aumenta a longevidade, diminuindo as chances de desenvolver doenças. Eles precisam muito de apoio moral e encorajamento por parte do terapeuta e da família.

O funcionamento do programa

O tratamento no PNCT oferecido pelas unidades do SUS, seja de baixa, média ou alta complexidade, tem duração de 12 meses e se divide em duas fases. A primeira consiste em quatro sessões semanais de uma hora e meia aproximadamente, em grupo ou individual, com abordagem cognitiva comportamental, técnica que procura mudar a forma de pensar e de comportamento e discussões acerca do tema baseadas nas cartilhas do Ministério da Saúde, cujo mote é “Deixando de fumar sem mistério”. São quatro os objetivos principais: entender por que se fuma e como isso afeta a saúde; os primeiros dias sem fumar; como vencer os obstáculos para permanecer sem fumar e os benefícios obtidos

após parar de fumar. Depois dessa etapa, em que é esperado que o paciente já tenha parado com o uso contínuo do cigarro, vem a fase de manutenção, que consiste inicialmente de sessões quinzenais e depois mensais, até completar 12 meses de tratamento, com o objetivo de acompanhar o ex-fumante na prevenção da recaída.

Durante o processo, nos casos em que há necessidade, os pacientes fazem uso de medicamentos oferecidos pelo Ministério da Saúde, prescritos por médicos e que ajudam a minimizar os sintomas da Síndrome de Abstinência, como o adesivo transdérmico de reposição de nicotina, pastilhas e gomas de nicotina. Alguns pacientes recebem ainda acompanhamento médico e prescrição de antidepressivos.

Na unidade onde atuo, todo mês abrimos vagas para livre demanda, formando grupos de 15 a 30 pessoas, que são atendidos por uma equipe multiprofissional, composta por mim (fonoaudióloga), enfermeiro, psicólogo, dentista, farmacêutico e médico. O grupo funciona como apoio, pois os usuários têm a oportunidade de trocar experiências com pessoas que passam pelas mesmas dificuldades que eles, mas em alguns casos também fazemos o tratamento individual.

Atualmente estou à frente do programa no CMS Dr. Mário Rodrigues Cid, fazendo as palestras da primeira fase e o acompanhamento individual da segunda fase. Todos os pacientes passam por uma entrevista inicial (anamnese) e por uma avaliação, em que eu percebo, numa análise perceptiva da voz, que muitos



Aline Prado

Joel Ferreira, entre Aline Prado e o enfermeiro João dos Santos Sá, teve um câncer de laringe detectado precocemente

apresentam alterações vocais, embora não tenham queixas ou não as associem ao cigarro. E a demora em perceber essas alterações pode acarretar em diagnósticos tardios. Então, procuro levá-los a perceber a irritação ao produzir a voz, os sintomas de secreção, pigarro e rouquidão, que são causados pelo cigarro, sendo também sintomas de diversas patologias nas pregas vocais, como a Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC), entre outras doenças respiratórias e pulmonares.

Nesses casos, além de tratar o tabagismo com as abordagens do Programa Nacional de Controle do Tabagismo, faço a promoção

da saúde fonoaudiológica, com orientações e encaminhamentos necessários para conduta médica e intervenção fonoterápica.

Durante esses nove anos no programa, já tive vários casos de pacientes que foram nos procurar só com a intenção de parar de fumar, mas, ao se defrontarem com a visão e escuta fonoaudiológica, acabaram descobrindo outras patologias, que puderam tratar a tempo. Como o caso de Joel Ferreira, motorista aposentado, que já estava acostumado com a voz muito rouca, que, segundo ele, não o incomodava. Mesmo assim, por meio do meu encaminhamento, foi possível o diagnóstico de um câncer de laringe, que, graças à intervenção precoce, passou pela radioterapia sem precisar de laringectomia. Hoje ele ajuda outros pacientes do grupo com seu testemunho. Nesse caso, talvez possa

dizer que se não houvesse uma fonoaudióloga na equipe, o sintoma da voz iria passar despercebido.

Outro caso que evidencia a importância da participação de um fonoaudiólogo no programa é o da professora Ana Dulce Duarte, que me procurou com queixa de voz, por apresentar um Edema de Reinke (lesão na camada superficial da prega vocal — espaço de Reinke, que se caracteriza pelo acúmulo de líquido ou material gelatinoso) em fase inicial. No caso dela, além do atendimento fonoaudiológico, fiz a inscrição no programa de tabagismo e pudemos ajudar na melhora da voz e a parar de fumar, assim como há vários outros casos de disfonia (alteração ou enfraquecimento da voz) e alteração na comunicação que foram diagnosticados e tratados.

Traz enorme satisfação ver que o trabalho que desenvolvo como fonoaudióloga dentro do programa de tabagismo é valorizado tanto pela direção como pelos profissionais da unidade, e ainda possibilita uma melhora na vida do fumante, não só na ajuda da cessação do tabagismo, mas também na melhora de sua qualidade de comunicação e de vida.

Acredito que o fonoaudiólogo deve estar presente em todos os segmentos da saúde, desde a baixa até a alta complexidade, atuando na promoção da saúde coletiva e da qualidade de vida, com estratégias de prevenção de doenças junto a ações multiprofissionais.

Precisamos valorizar a nossa profissão pela busca do saber e de capacitações nas diversas



A presença de um fonoaudiólogo na equipe multidisciplinar que atende ao PNCT é considerada fundamental pela fonoaudióloga Aline Prado

áreas da saúde pública, conhecer o que é, e como podemos atuar no SUS. É preciso que o fonoaudiólogo seja ousado e saia da zona de conforto, buscando ter um diferencial para se inserir e integrar equipes multidisciplinares. Enquanto profissional da área da saúde, estou convencida de que temos o dever de “vestir a camisa” e de “mostrar a cara” da Fonoaudiologia, a fim de ganharmos cada vez mais espaço no grande leque de possibilidades de atuação na Saúde Pública, seja na prevenção primária, secundária ou terciária dos distúrbios relacionados à comunicação humana, conquistando o reconhecimento, a valorização e a credibilidade por parte de outros profissionais e, principalmente, da população.



FONOAUDIOLOGIA E SAÚDE MENTAL: **UM DIÁLOGO DE POTÊNCIAS**

Elaine Herrero – CRFa2-1198

O título desta matéria é o mesmo da mesa do Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região no 5º Congresso Brasileiro de Saúde Mental (CBSM). Esse evento, organizado biennialmente pela Associação Brasileira de Saúde Mental (ABRASME), congrega diferentes atores (trabalhadores, especialistas, usuários do sistema de saúde e familiares). Todos eles têm a oportunidade de participar de atividades culturais, artísticas e sociais,

posicionar-se politicamente, apresentar avanços técnico-científicos e discutir o espaço da cidadania, do trabalho e da geração de renda. Desse modo, tais atores exploram a atualidade, a abrangência e a diversidade do campo da Saúde Mental e Atenção Psicossocial (SMAPS). O CBSM tem, desde seu início, desenvolvido temas atuais que acompanham o panorama da política nacional de saúde, colocando em discussão os avanços e retrocessos relativos à atenção em Saúde Mental.

Este ano o congresso ocorreu entre os dias 25 e 28 de maio, em São Paulo/SP, e contou com cerca de 2.500 participantes de diversas regiões do país, além de convidados nacionais e internacionais. O tema central foi “Juntos nas diferenças: sonhos, lutas e mobilização social pela Reforma Psiquiátrica”.

A inserção da Fonoaudiologia na esfera da saúde pública, e mais apropriadamente na saúde coletiva, deu-se, antes da atuação nas unidades básicas de saúde, nos ambulatórios de Saúde Mental do estado de São Paulo. Ocorreu no momento anterior ao SUS em que se propunham para a Saúde Mental formas de atuação em equipe multiprofissional por meio das Ações Integradas em Saúde (AIS), em um modelo alternativo ao hospitalocêntrico manicomial predominante na época.

Desse modo, a Fonoaudiologia, a Reforma Psiquiátrica e o movimento pela Saúde Mental estão intrinsecamente ligados, em uma relação que não se restringe apenas a uma nova conquista de mercado, mas, antes de tudo, a um modelo de atenção em saúde que tem dimensões ético-políticas, que leva em conta o cuidado em equipe, a atenção integral ao sujeito de direitos, em contraposição a uma atenção que encarcera, priva de liberdade e de dignidade.

O Conselho Regional de Fonoaudiologia 2ª Região esteve presente nas reuniões locais de preparação do congresso, contribuindo na discussão dos eixos e subtemas. A proposta de realização da mesa foi uma oportunidade para

“A reforma psiquiátrica e o movimento pela Saúde Mental implicam em mudança de foco da doença mental para o sofrimento e o bem estar das pessoas acometidas de transtornos psíquicos, seus familiares e seus entornos comunitários; da crença fatalista na incurabilidade, na periculosidade e na improdutividade das pessoas diagnosticadas com transtornos mentais e toxicomanias, para o investimento na sua recuperação e reinserção social e o abandono da inevitável institucionalização, para o cuidado no contexto de uma rede de serviços substitutivos ao modo asilar. A Reforma Psiquiátrica é um movimento social amplo, complexo, intersetorial, plural e precisamos efetivá-la mais que nunca!”

(ABRASME, 2016)





Divulgação

5º Congresso de Saúde Mental

trazermos para esse contexto a discussão da inserção da Fonoaudiologia no campo da Saúde Mental.

O primeiro tema da mesa – “Fonoaudiologia e Saúde Mental: porque comunicar é preciso!” – foi desenvolvido pela fonoaudióloga Me. Cristiana Lykouropoulos, membro do atual colegiado do CRFa 2ª Região e coordenadora do GT de Saúde Mental do Departamento de Saúde Coletiva (DSC) da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia (SBFa). Em sua fala, Cristiana abordou o papel transformador da clínica fonoaudiológica

na Saúde Mental, cujo sentido ultrapassa o trabalho tradicional e exclusivo de reabilitação de sujeitos com patologias de comunicação associadas aos transtornos mentais.

Ofertar espaços mobilizadores, construir novas formas de expressão e mediar os encontros para efetividade da comunicação nos diferentes espaços sociais é uma estratégia de promoção de saúde mental e não adoecimento ou agravamento dos quadros. Nesse sentido, o que se apresenta é um novo paradigma, o de uma clínica interdisciplinar e transversal que circule pela vida e pelo cotidiano





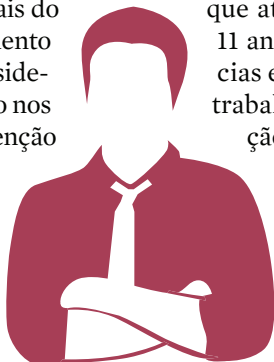
de crianças, adolescentes, adultos e idosos na Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

No segundo tema, “Panorama de atuação do fonoaudiólogo e desafios da rede de Atenção Psicossocial”, a fonoaudióloga Me. Elaine Herrero, membro do atual colegiado do CRFa e do GT de Saúde Mental do Departamento de Saúde Coletiva da SBFa, fez uma retrospectiva histórica da atuação do fonoaudiólogo na Saúde Mental desde sua inserção nas equipes multiprofissionais do estado de São Paulo, até o momento atual das políticas públicas, considerando a possibilidade de inserção nos diferentes pontos da rede de atenção psicossocial como um desafio a ser conquistado pelos fonoaudiólogos. Destacou, ainda, a importância dos registros de atuações para a construção de

Conselheiras, Elaine Herrero e Cristiana Beatrice Lykouroupoulos (ao centro) representam o CRFa 2ª Região no 5º Congresso de Saúde Mental

uma identidade no campo da Saúde Mental para garantirmos as conquistas já realizadas e avançarmos nesse conhecimento.

Por fim, no tema “Tecendo práticas na Saúde Mental”, a fonoaudióloga Fabiana Costa, convidada pelo CRFa 2ª Região, que atua na área de Saúde Mental há 11 anos, relatou diferentes experiências exitosas ao longo de seis anos de trabalho em CAPSi (Centro de Atenção Psicossocial Infantil). Por meio de seus relatos foram observadas várias possibilidades de atuação da Fonoaudiologia nesse campo, como abordagem da linguagem enquanto elemento



mediador do grupo, uso do alimento como uma maneira criativa de propiciar interação entre familiares, oficinas de contar histórias e de escrita.

As discussões que se sucederam aos temas abordados na mesa apontaram para a necessidade de sistematização dos conhecimentos desenvolvidos por meio das práticas dos profissionais que atuam na rede, por meio de formação acadêmica, cursos de extensão, associações científicas, criação de espaços de discussão, bem como da ampliação das atuações da Fonoaudiologia nos diversos pontos da rede de atenção psicossocial. Nesse sentido, o papel do Conselho como instância que garanta o respaldo legal, assegure essas conquistas de campo de trabalho torna-se fundamental.

O público participante nessa discussão foi de 14 pessoas, entre elas 12 fonoaudiólogos. Observamos que o fato de sermos convidados, pela Abrasme, a participar das reuniões de preparação do congresso e realizarmos essa mesa de discussão constituiu-se em uma abertura para o diálogo. Tornou-se oportunidade para nos apropriarmos como atores no processo da reforma psiquiátrica.

Além dessa mesa, alguns trabalhos de colegas foram apresentados em roda de conversa; entre eles, o trabalho desenvolvido numa parceria da SBFa e do Sistema Interconselhos (Oficina de Sensibilização em

Fonoaudiologia e Saúde Mental: resultados e perspectivas) apresentado pelas fonoaudiólogas Caroline Lopes Barbosa (membro do GT SM/ SBFa) e Cristiana Lykouropoulos. Houve também espaço para a realização de uma oficina interdisciplinar sobre o tema “voz e movimento” (*Da carne ao som, do som ao verbo, do verbo ao encontro: Promoção de Encontros Humanos através da Voz, Corpo e Movimento*), executada pela fonoaudióloga Elaine Herrero (assessora técnica em Supervisão Técnica de Saúde – SP) e a psicóloga Maria Evangelina Jorge Piragino (gerente CAPS Adulto); e participação em outra mesa de debates sobre CAPS infantil (*Diálogos sobre a Mobilização Social dos CAPS IJ*) pela fonoaudióloga Cristiana Lykouropoulos (gerente CAPS IJ) e Marcia Innocencio Moreno (Coordenação de Saúde Mental – SP), Amanda de Souza Santos (usuária CAPS IJ), Janaina Lopes Diogo (Coordenação Municipal de Saúde Mental – SP) e Stefano Pinheiro (trabalhador CAPS IJ).

Há que se avançar na conquista de espaços interdisciplinares, em que se garanta a troca entre os saberes e o reconhecimento tanto por parte dos fonoaudiólogos como dos demais profissionais da área de que podemos contribuir, e muito, nesse campo. O próximo congresso será em 2018 em Brasília, e a expectativa é de que ocorra a ampliação da participação da Fonoaudiologia em âmbito nacional. Contamos com os colegas para isso.



NOVOS CONSELHEIROS TOMAM POSSE NO CRFA 3ª REGIÃO

Beatriz Moreira – repórter

Na quinta-feira, dia 31 de março, foi realizada a cerimônia de posse dos novos conselheiros do Conselho Regional de Fonoaudiologia (3ª Região), no salão do Hotel Curitiba Palace. São 20 conselheiros (10 efetivos e 10 suplentes), que integraram o quadro do Crefono 3 no triênio 2016/2018.

Durante o discurso, o presidente, Francisco Pletsch, deu as boas-vindas a todos os presentes e destacou a importância do voluntariado e da boa vontade dos conselheiros em trabalhar com dedicação à Fonoaudiologia e aos serviços prestados à sociedade. “A atuação do conselheiro ainda é pouco conhecida em todos os conselhos; é um trabalho honorífico, de doação de seu tempo, em prol de uma



Beatriz Moreira



Conselheiros do VIII Colegiado – Gestão 2013/2016

Fonoaudiologia melhor para esse país”, afirmou. Pletsch destacou, ainda, que a chapa foi reeleita com 84% dos votos, o que demonstra o bom trabalho do Colegiado anterior.

Além dos 40 convidados presentes na solenidade, também participaram do evento o doutor Eliel de Freitas, Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária; a senhora Sônia Dorneles, do Conselho Regional de Farmácia; a Fonoaudióloga Maria Patrícia do Nascimento, Presidente do Sindicato dos Fonoaudiólogos do Estado do Paraná; a Presidente Izaura Dias Silva, do SINDIFISC-PR; João Behrens e Wanderli Veiga, da JC Consultoria; e a Fonoaudióloga Giselle Kubusly Sypczuk, do Conselho Federal de Fonoaudiologia.



Diretoria do VIII Colegiado – Gestão 2013/2016
– Da esquerda para a direita: Josiane Borges, Francisco Pletsch, Jozelia D.B de Paula Ribas e Celso Luiz G. Santos Junior

FONOAUDIÓLOGAS DE CHAPECÓ PROMOVEM **DIA MUNDIAL DA VOZ**

Sheril Ivía Woehl – CRFa 3-8818

Em Chapecó/SC, e região, ocorreu mobilização de um grupo de fonoaudiólogas para divulgar o Dia Mundial da Voz, comemorado em 16 de abril. Nas semanas que antecederam a data foram realizadas diversas palestras, e vários jornais, rádios e emisoras de televisão entrevistaram as profissionais. No dia 16, as fonoaudiólogas realizaram diversas ações no centro da cidade:



- >> distribuição orientada de fôlderes com as principais dicas para ser amigo da voz;
- >> instalação de uma carteira de identidade gigante com o tema “Minha Voz, Minha Identidade”, para as pessoas se posicionarem e tirarem fotos;
- >> distribuição de diversas placas com frases importantes na manutenção da saúde vocal, com as quais a população pôde fazer *selfies*.

E ainda, com o apoio da Associação Brasileira de Produtores de Maçãs, foram oferecidas cinco mil maçãs para todas as pessoas que participaram das atividades. A ação contou com a participação do Grupo de Apoio a pacientes laringectomizados totais – Grandes Guerreiros do Oeste – do Hospital Regional do Oeste, coordenado pela fonoaudióloga mestre Luciara Giacobe.

O objetivo de todas as ações foi conscientizar a população sobre a importância da voz humana para a promoção da saúde, bem como orientar sobre sinais e sintomas que favoreçam o diagnóstico precoce de doenças que podem comprometer a qualidade de vida e a própria sobrevivência dos indivíduos, como o câncer de laringe. “Foram dias intensos, de muita atenção aos cuidados com a voz! A população esteve receptiva e feliz pela oportunidade de participar”, afirmou a fonoaudióloga Sheril Ivia Woehl.

Confira algumas das reportagens sobre o Dia Mundial da Voz:

Jornal do Almoço

<http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/jornal-do-almoco/videos/t/edicoes/v/dia-da-voz-e-lembrado-neste-sabado-16-com-aco-es-de-cuidado-e-prevencao/4959791/>

Blog da Associação Brasileira dos Produtores de Maçã:

http://macaetudodebom.blogspot.com.br/2016/04/16042016-chapeco-acao-das.html?utm_source=divr.it&utm_medium=facebook

FONOAUDILOGIA NA SAÚDE DO TRABALHADOR

Rayné Melo – CRFa 4-7472

Quando o adoecimento acomete o trabalhador, faz-se necessária uma investigação para avaliar se há correlação com suas atividades laborais, confirmando, dessa forma, onexo causal. A partir dessa constatação, o profissional precisa notificar o caso à Secretaria Municipal de Saúde, quer seja ele de vínculo municipal, estadual, federal e/ou privado. A Notificação consiste na comunicação da ocorrência de casos individuais, agregados de casos ou surtos, suspeitos ou confirmados, da lista de agravos relacionados na Portaria nº 204 e 206 do Ministério da Saúde, que deve ser feita às autoridades sanitárias por profissionais de saúde ou qualquer cidadão, visando à adoção das medidas de controle pertinentes.



Freepik

Hoje, uma das maiores preocupações de quem trabalha com vigilância à saúde do trabalhador é conhecer o perfil epidemiológico de sua população economicamente ativa. A partir dessa confirmação donexo causal, pode-se fazer previsões e estabelecer prioridades e medidas para prevenir doenças e acidentes que são evitáveis na comunidade trabalhadora.

Dentre as alterações que mais acometem o trabalhador, e que são reabilitadas pelo fonoaudiólogo, está a disfonia; no entanto, não consta na lista de doenças relacionadas ao trabalho, editada pelo Ministério da Saúde em 2016. Hoje, sabe-se que é reconhecida como uma doença do trabalho.

O professor disfônico pode apresentar, além de diversos sinais e sintomas relacionados ao próprio problema de voz, importantes limitações no desenvolvimento de seu trabalho. Algumas possíveis consequências da disfonia para o docente são: redução de atividades e perda de dias de trabalho, além de dificuldades em sua comunicação e vida social, problemas emocionais e psicológicos; interferências negativas no desempenho do seu trabalho, expressas por dificuldade na aprendizagem dos alunos; dificuldades de relacionamento com os pares, uma vez que alguns colegas de trabalho julgam o professor disfônico como simulador; e a não aceitação do

absenteísmo relacionado à disfonia como um problema de saúde por parte dos gestores públicos da educação e dos profissionais de saúde, visto que as queixas relacionadas à saúde acabam, muitas vezes, sendo interpretadas como motivos de “fuga da sala de aula”.

Além da disfonia, outro agravamento necessário para notificação está a Perda Auditiva Induzida por Ruído (PAIR), quando ocorre a diminuição gradual da acuidade auditiva, decorrente da exposição a níveis elevados de ruído no ambiente de trabalho, sendo irreversível. Esse agravamento ainda é limitado às notificações, sendo necessária uma maior sensibilização aos profissionais.

Assim, a preocupação com as notificações se configura em razão de muitos profissionais da área da saúde, principalmente os fonoaudiólogos, não terem conhecimento da sua importância, e os benefícios relacionados às políticas públicas. No caso das disfonias, atualmente, poucos estados estão realizando as notificações, entre eles Rio de Janeiro e Alagoas.

Com isso, a Secretaria de Estado da Saúde de Alagoas, por meio do Centro de Referência Estadual em Saúde do Trabalhador, incluiu o Agravamento Disfonia (CID R49.0) como de interesse estadual para notificação compulsória, por meio da Portaria nº 206 de 2012, sendo responsável pela análise e monitoramento dessas notificações. Alagoas vem avançando nesse campo, com a elaboração da ficha de investigação em disfonia e projetos de notificação,



percorrendo todo o estado com oficinas destinadas aos técnicos da Saúde e Educação, capacitando-os sobre essa problemática, em parceria com as Secretarias Municipais e Estadual de Educação.

Após esse trabalho, em Alagoas, o número de notificações por disfonia apresentou um registro significativo nos últimos anos. Em 2013, havia 7 casos registrados. Em 2014, foi elevado para 29, e em 2015 para 60, totalizando 125 casos até junho de 2016. Em relação à PAIR, entre 2010 e junho de 2016 há 23 casos notificados.

Diante dessa realidade, chama-se a atenção para a importância da disseminação das notificações aos fonoaudiólogos, por existir ainda um desconhecimento da classe sobre essa temática.

HOSPITAL DE URGÊNCIAS DE GOIÂNIA TRABALHA COM APLICAÇÃO DE RISCO PARA **DISFAGIA EM IDOSOS**

Katiúscia Pessoni – repórter

O Hospital de Urgências de Goiânia (HUGO) comemorou no dia 20 de março deste ano — Dia Nacional de Atenção à Disfagia —, o excelente atendimento a idosos que apresentam esse sintoma. Nesta unidade hospitalar, fonoaudiólogos atuam como profissionais da Saúde residentes e preceptores do Programa de Residência Multiprofissional em Urgência e Trauma — área da Fonoaudiologia. O principal objetivo desta intervenção é o de identificar precocemente pacientes hospitalizados com risco de quadro disfágico e sistematizar a avaliação fonoaudiológica, além de indicar o tratamento adequado durante o período de internação e após alta hospitalar.





Tainard da Silva Leite Santos – Residente da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia (R1)
Fernanda Carolina Alves Ferreira – Preceptora da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia
Marília Lopes Bortolini Franco – Preceptora da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia
Lucila Stopa Fonseca dos Reis – Tutora da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia
Shirley Gomes de Souza – Residente da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia (R1)
Isabela Luisa Fiuza Alves – Residente da Residência em Urgência e Trauma – Fonoaudiologia (R2)

Foram avaliados 79 pacientes, acima de 60 anos, submetidos à triagem utilizando o Protocolo de Risco definido no I Consenso Brasileiro de Nutrição e Disfagia em Idosos Hospitalizados organizado em 2011 pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Do total avaliado, 53 pacientes (67%) apresentaram o risco para disfagia. Para os internados em UTI, esse risco foi de 90%.

A tutora da área de fonoaudiologia do Programa de Residência Multiprofissional de Urgência e Trauma da Secretaria da Saúde

do Estado de Goiás, mestre em linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e fonoaudióloga do HUGO, Lucila Stopa Fonseca dos Reis, relata que a triagem de risco para disfagia do hospital foi coordenada e desenvolvida pelo Departamento de Gerontologia da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG). “Este procedimento está inserido no HUGO desde 2013. Sua utilização teve início a partir de duas pesquisas realizadas por residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Urgência e Trauma – área de Fonoaudiologia, intituladas: Risco

de Disfagia em Idosos com Traumatismo Crânio Encefálico (TCE) e Risco de Disfagia em Idosos com Acidente Vascular Encefálico (AVE). Hoje essa triagem faz parte do rol de instrumentos utilizados pela fonoaudiologia no hospital”, destaca Lucila.

Sobre os benefícios que a triagem leva à população, a fonoaudióloga diz que auxilia principalmente na identificação das características associadas ao risco de desnutrição e disfagia. Esse procedimento diferencia os pacientes suscetíveis daqueles com a doença já estabelecida. “É um instrumento de fácil aplicação com a checagem de critérios de risco e sem a necessidade de oferecer alimentos, determinando a assistência fonoaudiológica para o paciente. Assim, o principal benefício é a identificação precoce da disfagia e o encaminhamento para avaliação e acompanhamento fonoaudiológico”, descreve.

Com o passar dos anos, há um aumento das ameaças de mortalidade causadas pela disfagia, e, segundo a fonoaudióloga Lucila, os protocolos auxiliam no conhecimento, avaliação e tratamento de idosos com esse quadro no ambiente hospitalar. “O paciente é beneficiado sempre que um diagnóstico é efetivado. Idosos com disfagia têm mais chances de desnutrição, desidratação e pneumonia. O momento da alimentação pode se tornar desconfortável pelos engasgos, tosse e dispneia. Há casos em que um simples ajuste na consistência dos alimentos proporciona uma ingestão mais segura e prazerosa”, explica.



O paciente é beneficiado sempre que um diagnóstico é efetivado. Idosos com disfagia têm mais chances de desnutrição, desidratação e pneumonia. O momento da alimentação pode se tornar desconfortável pelos engasgos, tosse e dispneia. Há casos em que um simples ajuste na consistência dos alimentos proporciona uma ingestão mais segura e prazerosa”

Lucila Stopa Fonseca dos Reis

Referência hospitalar

O HUGO é referência no atendimento de urgência e emergência em todo o estado de Goiás, possui unidades de internações especializadas, como a Clínica Médica e Cirúrgica, Reanimação, Traumatologia, Unidade de Terapia Intensiva, salas de observações e auxiliares, totalizando 407 leitos. “O hospital disponibiliza uma completa equipe médica para o acompanhamento dos pacientes internados. Conta também com uma equipe multidisciplinar formada por profissionais das áreas de: Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Nutrição, Odontologia, Psicologia e Serviço Social”, afirma a fonoaudióloga. Com a integração de todos esses serviços, Lucila explica

que a detecção do risco de disfagia é multiprofissional e pode ter como pilar a identificação de alguns componentes como doença de base, antecedentes e comorbidades, sinais clínicos de aspiração, complicações pulmonares e funcionalidade da alimentação. “A triagem para a disfagia no HUGO é realizada pelo fonoaudiólogo. Detectado o risco, procede-se à avaliação e ao acompanhamento dos pacientes. Diante da complexidade do processo de hospitalização do idoso há a necessidade da atuação da equipe multiprofissional, sendo que uma equipe mínima recomendada pelo Consenso são: enfermeiro, fonoaudiólogo, nutricionista e o médico”, orienta. A equipe de fonoaudiólogos do HUGO é composta por profissionais concursados e contratados pela Organização Social GERIR. Eles atuam como preceptores do Programa de Residência em Urgência e Trauma e Residentes e trabalham nos distúrbios da deglutição e alterações de linguagem ao avaliar, diagnosticar e tratar as alterações detectadas.

Disfagia em idosos

Lucila relata que os idosos hospitalizados e institucionalizados apresentam, normalmente, desnutrição entre 35% e 65% dos casos, sendo esse quadro frequentemente associado à disfagia. Esses números estão fortemente relacionados às maiores taxas de mortalidade e ao retardo na reabilitação. “Faz parte do envelhecimento natural uma série de mudanças no organismo humano, como a redução da massa, da força e da função muscular. A diminuição da força e da função dos músculos relacionados à deglutição associada a perdas

dentárias e utilização de próteses mal adaptadas conduz o idoso a fazer adaptações nas funções de mastigação e deglutição, sendo a Presbifagia a adaptação feita em decorrência dessas alterações”, esclarece.

De acordo com Lucila, as mudanças no organismo fazem parte do envelhecimento, contudo as alterações podem ser minimizadas por um estilo de vida saudável, caso a população opte por atividades físicas, alimentação equilibrada, interação social e equilíbrio emocional. “Evitar doenças crônicas frequentes como o diabetes e a hipertensão arterial também contribui para o não aparecimento de outras enfermidades e favorece na melhora de vida com o avançar da idade”, aconselha. A disfagia é um distúrbio que pode levar à desnutrição e desidratação do paciente idoso hospitalizado. “Frequentemente o enfermo, na tentativa de facilitar a mastigação e a deglutição, altera a consistência dos alimentos, reduz a quantidade de ingesta e diminui o valor calórico total das preparações alimentares. As dificuldades na deglutição aumentam o risco



Evitar doenças crônicas frequentes como o diabetes e a hipertensão arterial também contribui para o não aparecimento de outras enfermidades e favorece na melhora de vida com o avançar da idade”

Lucila Stopa Fonseca dos Reis

de pneumonia aspirativa, prolongam o período de internação hospitalar; aumentam custos, favorecem o aparecimento de comorbidades e risco de mortalidade. Além de interferirem diretamente na qualidade de vida do paciente”, esclarece Lucila.

O tratamento de disfagia inicia-se com a orientação da equipe para a identificação de indivíduos com ameaça da doença. Feita a triagem de risco e detectada a ameaça, o paciente é encaminhado para a avaliação fonoaudiológica para a realização do diagnóstico funcional da deglutição. “O tratamento inclui a prescrição da consistência alimentar, o volume, o ritmo de oferta, os utensílios a serem utilizados, as manobras e posturas necessárias para a administração da dieta por via oral de forma segura, assim como a sugestão de via alternativa quando a via oral coloca em perigo a segurança do paciente. A disfagia é um sintoma de uma doença de base e sua reabilitação está relacionada à condição ou doença à qual se relaciona”, descreve Lucila.

Recursos financeiros

Em relação às verbas disponibilizadas pelo estado para o tratamento, a fonoaudióloga ressalta que hoje há um déficit de fonoaudiólogos nos serviços hospitalares especializados como o HUGO. Ela conta que, devido à complexidade da atuação desses profissionais, poucos destinam sua lotação para o hospital de urgência, sendo necessário um aumento do número de contratações para

Profissionais de Fonoaudiologia do HUGO:

Lucila Stopa Fonseca dos Reis

Tutora

Ana Paula Alves de Moraes

Preceptora

Andréia Jackeline Rezende Silva Oliveira

Preceptora

Fernanda Carolina Alves Ferreira

Preceptora

Marília Lopes Bortolini Franco

Preceptora

Isabela Luísa Fiuza Alves

Residente (R2)

Shirley Gomes de Souza

Residente (R1)

Tainard da Silva Leite Santos

Residente (R1)

suprir a demanda. Sobre o que pode melhorar em relação ao protocolo de risco para disfagia, Lucila destaca o aumento no número de fonoaudiólogos na assistência aos pacientes e o uso das triagens para identificação precoce das alterações em ambientes hospitalares. “A triagem de risco de disfagia em idosos no HUGO é apenas uma entre várias atividades realizadas pela equipe. Existe uma ação conjunta desenvolvida por todos os fonoaudiólogos do hospital (tutor, preceptores e profissionais de saúde residentes)”, informa.



UNINORTE ABRE NOVO CURSO DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DE FONOAUDIOLOGIA

Katiúscia Pessoni – repórter

Com autorização do Ministério da Educação (MEC), a União Educacional do Norte (UniNorte), no Acre, abrirá o curso de Fonoaudiologia em agosto de 2016 para turmas no período da manhã e da noite. Para Lydhia

Rubhia de Lima Torres, fonoaudióloga do quadro efetivo da Secretaria de Saúde do Estado do Acre e professora e coordenadora do novo curso da instituição, a graduação ajudará na insuficiência de profissionais para a região. “Observamos que a demanda é muito grande por fonoaudiólogos em nosso

estado”, observa a profissional que também é integrante da equipe do projeto de Saúde Auditiva do estado. São apenas 40 fonoaudiólogos formados trabalhando em todo o Acre. “O mercado de trabalho cresce na área, são muitas vagas para concursos públicos e empresas privadas e poucos profissionais capacitados para a função. Foi quando surgiu a ideia de iniciarmos o projeto pedagógico do curso, para o qual, depois de um ano, o MEC autorizou a abertura para nova graduação.”

Na região Norte, a profissão também cresce bastante, porém, segundo Lydhia, o Acre ainda não tinha um curso com formação na área de Fonoaudiologia. Quem necessita de atendimento na área tem que se deslocar para a cidade de Cruzeiro do Sul, a 600 quilômetros da capital Rio Branco. “O restante do município fica sem a assistência desses profissionais”, alerta. Para os que pretendem seguir a carreira de fonoaudiólogo, a profissional sugere que sigam firmes em seus propósitos e que ousem sonhar. “A Fonoaudiologia é uma profissão linda e, como disse, com boas expectativas de crescimento em nossa região.”

Estrutura

A fonoaudióloga destaca que a UniNorte oferece uma ótima infraestrutura na área de saúde, com salas climatizadas, bibliotecas atualizadas e laboratórios equipados para todas as práticas educacionais necessárias do curso. Além de clínica-escola, projeto de excelência na área de diagnósticos e

A UNINORTE

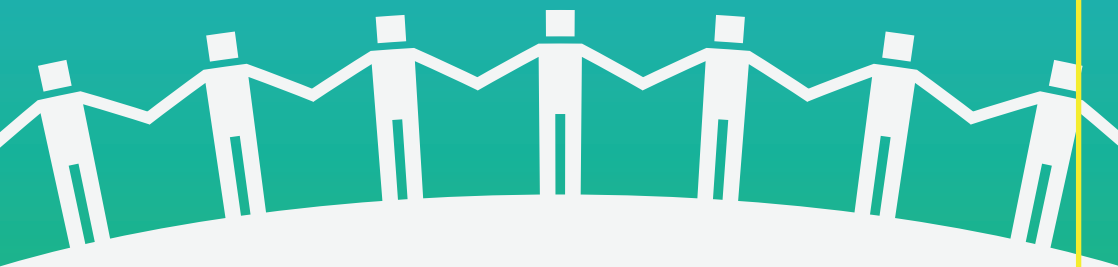
Em 28 de outubro de 2002, a UniNorte iniciou suas atividades buscando formar profissionais de excelência reconhecida pelo mundo do trabalho, assegurando qualidade dos processos em todos os níveis da educação superior, por meio da melhor composição de metodologia de ensino e corpo docente qualificado, promovendo a aprendizagem e a produção do conhecimento; garantir, mediante alocação dos melhores recursos em termos de instalações e corpo técnico-administrativo, conforto e segurança aos seus alunos, autossustentação econômica e financeira à instituição, agregando valor à Mantenedora e à sociedade. Em função dessa concepção, a instituição concentra esforços para contribuir na formação integral do indivíduo, despertando-lhe o senso crítico,

terapia fonoaudiológica. “A graduação contará também com um quadro de professores capacitados e planos de financiamento institucional”, informa a fonoaudióloga. Como diferencial para a nova graduação, Lydhia ressalta que uma das maiores preocupações da instituição é oferecer práticas em todas as áreas de ensino. “Estágios também serão essenciais para uma formação diferenciada e uma clínica-escola bem estruturada”, esclarece. Para o processo seletivo das vagas, o primeiro vestibular ocorreu em maio deste ano. “Teremos mais dois processos seletivos até agosto, quando a turma se iniciará. Disponibilizamos 100 vagas, 50 para o turno matutino e 50 para o noturno”, contabiliza.

O curso foi pensado por uma equipe de fonoaudiólogos que futuramente farão parte do quadro de docentes. “Entre essas pessoas estão as fonoaudiólogas Gabriela Lima, Rafaela Bacelar, Iriah Muniz e Jeanne Albuquerque. Sentamos e discutimos a realidade da Fonoaudiologia atualmente e, partindo desse pressuposto, compomos nossa grade curricular, bem como ementas e conteúdo programático”, explica. Além disso, as profissionais projetaram suas práticas pensando no campo de atuação além da clínica-escola, que contará com os melhores equipamentos de Fonoaudiologia disponíveis no mercado. “Tudo em busca da melhor formação e satisfação de nossos alunos”, admite.

o critério ético e a capacidade de julgar e agir corretamente, formando cidadãos conscientes, capacitados para a vida profissional e cívica, conforme as exigências da sociedade moderna. A partir desse compromisso, fica definida a política de trabalho da UniNorte, em consonância com as necessidades e expectativas gerais da sociedade local e em interface permanente com o mercado de trabalho global e o sistema educacional. O curso de Fonoaudiologia da UniNorte possibilita ao profissional trabalhar na prevenção, diagnóstico e reabilitação dos distúrbios da comunicação, trabalhando de forma individual ou em conjunto com pediatras, neurologistas, psicólogos, pedagogos e otorrinolaringologistas.

CREFONO 6 AJUDA A MANTER **FONOAUDIÓLOGOS** EM CIDADE MATO-GROSSENSE



Isadora Dantas – repórter

Em setembro de 2015, o Crefono 6 foi informado por fonoaudiólogos de Lucas do Rio Verde/MT sobre o Projeto de Lei nº 8, de 24 de setembro de 2015. De autoria de Otaviano Pivetta (PDT), prefeito da cidade, o texto propunha, entre outras providências, a extinção do cargo efetivo de fonoaudiólogo. Na prática, os profissionais já concursados teriam seus cargos mantidos; no entanto, não seriam mais abertas vagas para a categoria nos próximos concursos públicos municipais. Por essa razão, a diretoria do Crefono 6 assim que soube do fato, enviou ao senhor prefeito um ofício de repúdio cuja resposta ainda não foi recebida pelo órgão.

Foi então que o 7º Colegiado, recém-empossado em abril de 2016, iniciou seus trabalhos com a missão de alertar os parlamentares municipais de Lucas do Rio Verde sobre o tema, uma vez que o PL entraria em discussão na Casa naquele mês. A fonoaudióloga local Luzia Aparecida Corrêa de Souza (CRFa 6-3863) procurou as conselheiras representantes do estado, Valdirene de França Jesus (CRFa 6-6926) e Claudiane Campos (CRFa 6-5285), e, juntamente com ação da diretoria, as Comissões de Leis e Normas e de Divulgação construíram um documento que fundamenta a atuação fonoaudiológica na saúde e educação municipal e também apresenta dados epidemiológicos que comprovam a necessidade da manutenção dos

cargos da categoria profissional. Um ofício foi entregue a todos os vereadores locais, assim como o prefeito.

Na ocasião da audiência pública para apreciação e discussão do PL, um grupo de fonoaudiólogos compareceu ao plenário da Câmara para manifestação contrária ao projeto visto como arbitrário: “O descontentamento da classe foi unânime, todos aqui da cidade ficaram revoltados com a proposição desse projeto. A população também se mostrou contrária, tanto que somaram forças na manifestação no dia da sessão plenária na Câmara”, afirma Luzia.

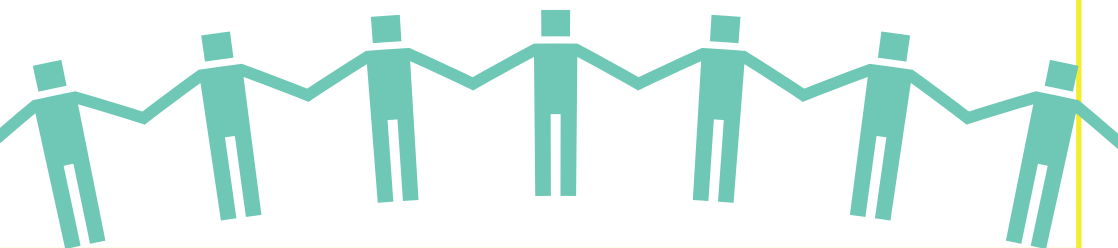
Na primeira audiência pública, diante da manifestação dos presentes, o vereador Airton Callai (PSD) pediu vistas ao projeto para melhor análise. Com isso, a audiência foi interrompida e a votação do PL adiada. O Crefono 6 ganhou tempo para nova articulação criando a petição pública on-line a fim de movimentar a classe em todo o país contrariamente não só ao PL mato-grossense, mas também a projetos similares: “Nosso objetivo com a criação da petição foi mostrar à classe que projetos como esse ferem não só a Fonoaudiologia, mas a saúde e a educação, colocando

o bem-estar da população em risco”, explica o conselheiro Tiago Costa (CRFa 6-7101), presidente da Comissão de Leis e Normas do Crefono 6.

Com menos de uma semana no ar, a petição pública on-line, compartilhada nas redes sociais por fonoaudiólogos de todo o Brasil, atingiu mais de 2.000 assinaturas. Uma cópia dessas assinaturas foi enviada a cada vereador e ao prefeito de Lucas do Rio Verde. Na semana seguinte, o projeto de lei foi retirado por emenda criada pelo vereador Ailton Callai. Uma vitória para a Fonoaudiologia.

Nota:

A diretoria do Crefono 6 aproveita o espaço da Revista Comunicar para informar a todos os seus inscritos que não tem alianças políticas e que não faz campanha para nenhum parlamentar. A Assessoria de Comunicação do Órgão trabalha de maneira ética com a verdade e tem compromisso com a informação completa dos fatos pertinentes à classe. O 7º Colegiado do Crefono 6, assim como os outros seis passados, permanece apartidário à frente do órgão.





OBESIDADE:

COMBATE PERMANENTE CONTRA A DOENÇA QUE MAIS CRESCE NO MUNDO

Cibele Avendano – repórter

Má alimentação, sedentarismo e falta de cuidados com a saúde são os principais causadores da doença que mais cresce no mundo: a obesidade. Um estudo publicado na revista científica Lancet mostra que um quinto da população brasileira adulta, ou quase 30

milhões de pessoas, é obesa. Formada há 22 anos em Fonoaudiologia, mestre em Gerontologia Biomédica, especialista em Motricidade Orofacial e com especialização em Obesidade e Emagrecimento, Marlei Braude Canterji há 12 anos dedica seu conhecimento ao lado da equipe multidisciplinar da Clínica GECOM, em Porto Alegre, para mudar esses números.





Arquivo Crefono 7

**Fonoaudióloga Marlei Braude Canterji,
integrante da equipe multidisciplinar
do GECOM**

De acordo com a fonoaudióloga, o paciente obeso deve ser orientado quanto à qualidade e quantidade na ingestão dos alimentos. A primeira opção para se livrar do excesso de peso é o chamado tratamento clínico, em que o objetivo é conscientizar o paciente da necessidade de trocar o sedentarismo e a má alimentação por hábitos de vida mais saudáveis, que contemplem atividade física, dieta balanceada e cuidados na mastigação.

“Com o conhecimento da forma correta de mastigar e do modo de ingestão dos alimentos poderá haver uma melhora do processo digestório, fazendo com que a sensação de saciedade ocorra em seu tempo,” destaca Marlei.

Nos casos em que a obesidade traz prejuízos à saúde e o tratamento clínico se mostra ineficaz, o tratamento cirúrgico passa a ser pensado em conjunto entre médico e paciente. A partir desse momento, o fonoaudiólogo passa a realizar atendimentos em que os pacientes são avaliados nas questões referentes à motricidade orofacial, desempenho das funções de mastigação, deglutição, respiração, sucção e fala.

Marlei destaca que, depois de tomada a decisão pela cirurgia bariátrica, o papel do fonoaudiólogo é ainda mais importante no pós-operatório, em que o paciente será acompanhado durante seis meses. “Os pacientes são informados desde a consulta inicial que o retorno da alimentação é realizado de forma lenta e gradual, tendo como objetivo uma alimentação segura e eficaz para toda a vida. Isso é reforçado pelo fonoaudiólogo e pelo nutricionista em todos os atendimentos após o procedimento cirúrgico.” Para a fonoaudióloga, o incentivo e a motivação ao treinamento e aprimoramento das funções orofaciais, juntamente com a conscientização, são fundamentais para que essa trajetória de adaptação à hierarquia alimentar transcorra com sucesso.

HOMENS NA FONOAUDIOLOGIA?

Thaiane Firmino – repórter

No Brasil, é comum algumas profissões serem consideradas femininas. Fisioterapia, Enfermagem, Psicologia, Pedagogia, Nutrição e Fonoaudiologia são áreas de atuação profissional com quase 100% de domínio das mulheres, de acordo com os dados do Censo Demográfico 2010, disponibilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em contraposição a esse estereótipo, na Fonoaudiologia, que nasceu da educação dos surdos e da reabilitação — práticas mais comuns ao universo das mulheres —, as universidades e o mercado de trabalho já lidam com um número expressivo de homens comprometidos com a área. No Conselho Regional de Fonoaudiologia da 8ª Região (Crefono 8), que compreende os estados do Ceará, Maranhão, Piauí e Rio Grande do Norte, já foram registrados mais de 240 profissionais do sexo masculino.



Contudo, sem competições de gênero, os homens que escolheram seguir carreira na Fonoaudiologia se esmeram para desenvolver suas atividades com diligência e sensibilidade. Rilke Costa, fonoaudiólogo há quase 15 anos, é proprietário de uma clínica fonoaudiológica e garante que encontra motivação em casa para desempenhar a profissão. “Minha principal incentivadora e parceira é minha esposa, que também é fonoaudióloga. Com ela divido conquistas e, juntos, temos profunda gratidão pela Fonoaudiologia”, contou. O cearense diz perceber a predominância feminina no mercado, mas se apoia na qualificação e dedicação como características básicas para o desempenho de suas atividades. “Existem inúmeras áreas de atuação e muitos campos ainda serão desbravados dentro da Fonoaudiologia”, afirmou motivado.

Ao contrário de Costa, que escolheu a profissão por meio de teste vocacional, o fonoaudiólogo Klauber Estevam sempre desejou ingressar na área da Saúde, mas queria algo inovador. Além de desenvolver projetos, o profissional já atuou em um Centro de Equoterapia, no município de Caucaia/CE. “Descobri que havia uma lacuna nesse mercado. Lancei a proposta de inclusão do fonoaudiólogo na equipe e logo comecei a atuar”, contou. Atualmente ele exerce a Fonoaudiologia no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), na cidade de Morada Nova/CE, mas reconhece que, por ser do sexo masculino, já vivenciou momentos delicados na profissão. “Fiz estágio em Estimulação Precoce, e no início, as mães tinham resistência em me

Rilke Costa nas instalações de sua clínica fonoaudiológica



Arquivo Crefono 8

entregar seus bebês”, disse. Hoje, Estevam faz pós-graduação em Fonoaudiologia Neonatal e Pediátrica e é o único homem da turma.

Para o maranhense Adilson Brandão, a presença masculina na Fonoaudiologia fortalece a área. Segundo ele, não há constrangimento no momento dos atendimentos, apenas surpresa por parte de alguns pacientes. Brandão escolheu a profissão a partir de sua experiência como vendedor em um centro auditivo e atualmente é proprietário de uma clínica fonoaudiológica, além de membro do Programa de Saúde Auditiva da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apeae), na capital



Arquivo Crefono 8

Adilson Brandão durante plantão em sua clínica fonoaudiológica

São Luís. “Sou especialista em Audiologia e atuo com próteses auditivas e exames audiométricos. Gosto do que faço e penso que mesclar os gêneros engrandece a troca de experiências e vivências”, afirmou.

Para Cleyton Amorim, que também exerce a Fonoaudiologia no Maranhão e está entre os mais de 60 profissionais do estado registrados no Crefono 8, a graduação foi marcada por situações delicadas no que diz respeito ao gênero. “Éramos apenas dois homens na turma e eu me sentia constrangido



Arquivo Crefono 8

Cleyton Amorim com profissionais da equipe multidisciplinar

quando os professores se assustavam ao nos ver cursando Fonoaudiologia”, lembrou. Amorim, que além de fonoaudiólogo é formado em Direito, afirma que no exercício da profissão nunca sofreu discriminação e atribui isso à existência das equipes multiprofissionais. “Minha atuação é em Fonoaudiologia hospitalar, portanto o trabalho em conjunto é praxe. Além disso, sou pesquisador e professor de pós-graduação”, informou ao ser questionado sobre seu cotidiano profissional.



Arquivo Crefono 8

Fonoaudiólogo Leandro Carneiro durante atendimento

Em termos quantitativos, é indiscutível que a Fonoaudiologia é um universo dominado pelas mulheres. Mas o fonoaudiólogo Leandro Carneiro não entende as estatísticas como um problema a ser vencido. “Quer seja em uma sala de aula ou evento da área, o grupo feminino é maioria; no entanto, somos respeitados pelas colegas. Assim como elas, nos dedicamos para solidificar as bases do conhecimento e zelar pelo brasão da profissão”, argumentou. Graduado em 2012, ele se tornou especialista em motricidade orofacial e garante que não teve dificuldades em escolher o ramo que queria seguir. “No momento de decidir a carreira, pesquisei e descobri a Fonoaudiologia”, explicou.

Com 15 anos de profissão, o fonoaudiólogo Pablo Ferraz relembra que por influência do pai, que é médico, optou por realizar-se na área da Saúde. Escolheu a Fonoaudiologia e sempre esteve como o único homem da turma, inclusive nas especializações. “Na faculdade e no início da carreira eu me sentia, por vezes, à margem da profissão por fazer parte de uma classe essencialmente feminina. A primeira barreira que tive que transpor foi a da aceitação social como fonoaudiólogo. Hoje, como coordenador de um curso de Fonoaudiologia e integrante da Academia Brasileira de Fonoaudiologia Forense, penso não ter mais nenhum desafio quanto a isso. Tudo superado”, disse. Para ele, além de contribuir técnica e intelectualmente com a área, o homem na Fonoaudiologia disponibiliza características natas como objetividade e racionalidade para solucionar conflitos.

Quase 18% dos fonoaudiólogos do sexo masculino registrados no Crefono 8 são do Rio Grande do Norte. Dimas Medeiros é recém-formado, mas já faz parte desse rol. Aos 22 anos, ele garante que a escolha que fez pela Fonoaudiologia foi com segurança e afirma que nunca vivenciou uma situação constrangedora no exercício da profissão. Para ele, estabelecer um vínculo de confiança com o paciente faz nascer a credibilidade e, conseqüentemente, o respeito. “Somos tão bons quanto as mulheres, mas reconheço que há necessidade que mais homens estejam inseridos na área”, observou. Para o fonoaudiólogo André Silva, não há nenhum tipo de desconforto em trabalhar numa profissão dominada pelas mulheres. “No meu caso, os desafios foram minimizados em virtude da minha atuação ser na área de Audiologia, mas sei que desenvolver atividades na terapia infantil, por exemplo, requer manejo do profissional homem no que diz respeito à aceitação”, ponderou.

“A Fonoaudiologia me escolheu. Sempre tive vontade de fazer um curso diferente e aos 15 anos descobri a profissão ao acompanhar minha prima em suas sessões. Foi amor à primeira vista”, contou o piauiense André Alelaf. O fonoaudiólogo relata que, em seus atendimentos, por diversas vezes, era chamado de “tia”, uma vez que os pacientes estavam acostumados com a profissional do sexo feminino. “Noto que algumas pessoas têm receio quando veem um fonoaudiólogo homem, principalmente atuando em terapia. Fonoaudiólogo é fonoaudiólogo, não importa



Arquivo Crefono 8

Fonoaudiólogo Dimas Medeiros com pacientes após atendimento



Arquivo Crefono 8

“Fonoaudiólogo é fonoaudiólogo, não importa o gênero”, André Alelaf

o gênero”, desabafou Alelaf, que recentemente foi aprovado no concurso para professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

No caso de Fernando Pedrini, a escolha profissional se deu por conta da paixão pela música. Por entender que a Fonoaudiologia tem suas arestas imersas na audição e na voz, ele entrou no curso e se formou no ano de 1998. Ao longo das especializações, da atuação clínica e das aulas ministradas, ele percebeu que ser do sexo masculino na Fonoaudiologia é vantajoso. “Nunca senti nenhuma situação constrangedora, pelo contrário, sempre achei que ser homem em uma profissão com predominância feminina me trouxe vantagens desde o tempo da universidade, a começar pelo fato de sempre ser lembrado pelos professores e colegas”, destacou. Desde o ano de 2004, o fonoaudiólogo atua em Audiologia Clínica no Hospital Flávio Santos, na capital piauiense, e se diz satisfeito com a carreira que escolheu. “Alguns homens podem ter receio em fazer Fonoaudiologia por preconceito, achando que estão fazendo um curso feminino; entretanto, acredito que homens e mulheres têm o mesmo potencial para desenvolver um bom trabalho”, concluiu.

A representação social de determinadas atividades interfere na escolha profissional. No entanto, segundo a psicóloga Roberta Cavalcante, atribuir gênero à profissão é um equívoco. “É algo que precisa ser revisto pelos jovens e suas famílias. Aconselho que sejam estabelecidos diálogos com especialistas



Arquivo Crefono 8

Fonoaudiólogo Pablo Ferraz integrante da Academia Brasileira de Fonoaudiologia Forense (ACADEFFOR)

das áreas de interesse para desconstruir esses mitos”, incentivou. A profissional orienta ainda que o recurso do teste psicológico, que tem a aplicação tão desejada pela maioria dos jovens, não deve ser entendido como um fator determinante para a escolha da carreira, mas compreendido como mais um recurso disponível nessa jornada. Para ela, todo ser humano é sujeito da escolha que faz e se torna protagonista no processo de construção da realidade.



“A MAIORIA NOS CONSELHOS DEVE SER COMPOSTA PELO CIDADÃO QUE EFETIVAMENTE UTILIZA OS EQUIPAMENTOS DE SAÚDE”

O fonoaudiólogo Jason Gomes (PUC-SP), mestre em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência (UNIFESP), conselheiro do CRFa 2ª Região e conselheiro municipal de Saúde de São Paulo, fala sobre o controle social na Saúde e a participação do fonoaudiólogo





Revista Comunicar: Controle social é uma expressão de conceito ambíguo, não? Você pode nos explicar quais os sentidos de controle social?

Jason Gomes: De fato, é um termo que é utilizado para expressar diferentes formas de controle. Uma delas é o controle do Estado sobre a sociedade, que podemos definir resumidamente como um mecanismo que induz o cidadão a assumir uma postura mais ou menos uniforme na realidade em que está inserido. Em outras palavras, o controle exercido pelo Estado garantiria algum padrão nos comportamentos dos indivíduos de uma sociedade.

Por outro lado, temos o controle da sociedade sobre as ações do Estado, isto é, a participação da sociedade civil organizada nos processos de deliberação e acompanhamento das políticas públicas, assim como na fiscalização da atuação do poder público.

“

Controle social, nesse caso, significa a relação entre o poder público e a sociedade civil, pois se constitui como um instrumento democrático de exercício da cidadania, com a participação efetiva dos cidadãos nas ações do poder público”

RC: Na concepção de controle da sociedade sobre as ações do Estado, o que exatamente isso quer dizer?

JG: Controle social, nesse caso, significa a relação entre o poder público e a sociedade civil, pois se constitui como um instrumento democrático de exercício da cidadania, com a participação efetiva dos cidadãos nas ações do poder público. Aqui, a população é quem leva suas demandas para a mesa de discussão, de forma que o olhar da população se torna um fator fundamental na avaliação e definição de metas a serem alcançadas pelas políticas públicas e na própria definição delas. O antigo modelo de um Estado que decide de forma unilateral e distante da realidade é deixado de lado para que o cidadão seja trazido para o centro dos processos de avaliação e definição do poder público. O documento Cadernos da nona, da 9ª Conferência Nacional de Saúde, realizada em 1992, resume o que estamos falando aqui de forma muito clara quando afirma que o controle social é “o cidadão e usuário no centro do processo de avaliação e o Estado deixando de ser o árbitro infalível do interesse coletivo, do bem-comum” (p. 121).

RC: Como é isso na área da saúde?

JG: Bem, a área da saúde no Brasil é uma das que mais tem se valido dessa forma de controle social. É muito comum vermos a valorização de princípios norteadores do Sistema único de Saúde (SUS), como universalidade, integralidade e equidade, mas é preciso destacar que outro grande passo dado foi a



Ateno CFFa

“

Aqui, a população é quem leva suas demandas para a mesa de discussão, de forma que o olhar da população se torna um fator fundamental na avaliação e definição de metas a serem alcançadas pelas políticas públicas e na própria definição delas”

criação e institucionalização de espaços de participação da comunidade, garantindo que a população possa participar no processo decisório das prioridades do território e do planejamento, execução e avaliação das ações desses serviços. O próprio SUS é fruto dessa forma de participação, com a realização da

8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986, e que é considerada como o evento fundador do SUS, já que mais de quatro mil pessoas de todo o Brasil, reunidas em Brasília, discutiram amplamente os caminhos a serem definidos na política pública de saúde nacional. Vale ressaltar que a Constituição de 1988 determinou a participação da comunidade como diretriz da saúde nacional.



A composição dos conselhos reforça a importância do usuário do sistema ao instituir que 50% dos conselheiros devem ser compostos por usuários, 25% por trabalhadores e 25% por gestores”

RC: Como funciona na prática essa participação no SUS?

JG: A participação da sociedade no SUS é feita por meio de órgãos chamados de Conselhos, como os Conselhos Municipal, Estadual e Nacional de saúde, que contam com a participação de usuários, trabalhadores e gestores dos serviços nessa área. A composição dos conselhos reforça a importância do usuário do sistema ao instituir que 50%

dos conselheiros devem ser compostos por usuários, 25% por trabalhadores e 25% por gestores. Como fica claro, a maioria nos conselhos deve ser composta pelo cidadão que efetivamente utiliza os equipamentos de saúde. Há também os conselhos gestores locais, nas unidades de saúde e, no caso de cidades como São Paulo, nas coordenadorias das subprefeituras. Além dos conselhos temos também as conferências de saúde, que são realizadas, em âmbito nacional, a cada quatro anos. Na Revista Comunicar nº 66 o CRFa da 2ª Região falou sobre o funcionamento das Conferências (para maiores informações acesse o link: www.fonoaudiologia.org.br/cffa/index.php/revista-comunicar).

RC: E como especificamente a Fonoaudiologia pode participar do controle social?

JG: Entendo que nossa participação no controle social é fundamental, muitos de nós atuam como trabalhadores das unidades de saúde em todo o Brasil e podem compor os conselhos como representantes dos trabalhadores. O primeiro passo é o fonoaudiólogo procurar saber se o conselho da unidade em que trabalha está funcionando. Se não, é possível propor ao gestor da unidade que seja constituído um conselho local com a participação de usuários, trabalhadores e gestores. Outra possibilidade é procurar o conselho municipal de sua cidade para se informar e conhecer melhor a dinâmica do controle social em seu município. Como as reuniões são públicas, qualquer pessoa pode frequentá-las e aos poucos se aproximar

mais dos representantes que lá estão, levando demandas que percebe em seu cotidiano de trabalho. Aos poucos é possível se engajar e procurar saber também se o seu Conselho Regional de Fonoaudiologia tem participado dos órgãos de controle social em sua cidade e em seu estado. Essa participação dos CRFas costuma ser fruto de uma articulação entre os diferentes conselhos profissionais do local. Aqui em São Paulo, nós temos o Fórum dos Conselhos Atividades Fim da Saúde (FCAFS), que é um espaço de articulação de todos os conselhos profissionais da saúde para a representação nos Conselhos Municipal e Estadual de Saúde. O CRFa 2ª Região foi escolhido pelo FCAFS para ocupar, pelo segundo mandato consecutivo, uma de suas cadeiras no Conselho Municipal de Saúde de São Paulo.

RC: Em tempos de crise na democracia, como agir para que a ação do controle social se fortaleça?

JG: O controle social se fortalece quando é efetivamente ocupado pela sociedade, por isso a importância de saber se os conselhos das unidades de saúde e dos municípios estão funcionando. Mas como tudo que é parte de um processo e se considerarmos que no Brasil, historicamente, o espaço público é tomado como de controle desse ou daquele grupo, temos que ficar muito atentos, pois assim como avanços aconteceram, recuos também podem ocorrer. Apenas com o engajamento da sociedade é que

podemos fortalecer o controle social. No delicado contexto político atual, precisamos fortalecer esses espaços de participação, pois eles são os meios de influência que o cidadão tem sobre o Estado. São nesses espaços que temos a garantia, como já citei, de junto com o Estado definir prioridades, estratégias, controlar, fiscalizar e deliberar em relação às políticas públicas. Portanto, é aí que também podemos intervir para que os direitos constitucionais sejam efetivamente respeitados e considerados nas ações do poder público. A participação popular deve ser incentivada e, sobretudo, garantida. O protagonismo deve ser do cidadão!

“

Apenas com o engajamento da sociedade é que podemos fortalecer o controle social”

Deixo como sugestão para quem quiser saber mais detalhes sobre a importância do controle social na saúde o caderno do Conselho Nacional de Saúde para Entender o Controle Social, que está disponível no site do próprio CNS: http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/livros/Manual_Para_Entender_Control_Social.pdf



Rafael Nascimento

RESPONSABILIDADE E TRANSPARÊNCIA

12º Colegiado do CFFa aposta na diversidade entre os conselheiros para atuar com excelência em todas as áreas da Fonoaudiologia

Suzana Campos – repórter

Tomou posse, em abril, o 12º Colegiado do Conselho Federal de Fonoaudiologia. Os

20 conselheiros nomeados para o mandato 2016/2019 assumiram o compromisso moral e ético de representar os mais de 39 mil fonoaudiólogos, com responsabilidade



social e transparência. Para dirigir o Sistema de Conselhos Federal e Regionais de Fonoaudiologia nos próximos três anos, foi eleita a presidente Thelma Costa e a vice-presidente Marlene Danesi. A nova diretora-tesoureira é Silvia Ramos, e Márcia Teles foi escolhida como diretora-secretária.

A nova presidente considera que o compromisso assumido pelo novo colegiado representa uma dicotomia inerente à gestão pública. “Essa tarefa reúne, ao mesmo tempo, a simplicidade e a complexidade para atuar com excelência e ética no acompanhamento, supervisão e normatização do exercício ético profissional. E para alcançar tais objetivos, os novos conselheiros se comprometem a cumprir a plataforma que nos elegeu e que visa valorizar o profissional”, afirma Thelma.

Diversidade em equipe

Para a presidente, vencer em equipe é um desafio e formar um novo grupo não é tarefa fácil. “Todos temos características diferentes, mas estamos prontos para trabalhar em um objetivo comum, pois

acreditamos que a Fonoaudiologia vale a pena”, afirma. Thelma Costa reforça, ainda, que o crescimento da profissão, a ampliação do mercado de trabalho e a conscientização da categoria levaram a uma maior valorização do profissional. “A Fonoaudiologia conquistou o respeito de outros profissionais e da sociedade.”

Propostas do 12º Colegiado

Além de consolidar as conquistas alcançadas pelos Colegiados que antecederam a atual gestão, as propostas de trabalho estão voltadas à promoção da conscientização e incentivo da participação dos profissionais nos processos políticos. Dentre elas destacam-se:

- >> garantir a integração e efetiva parceria e apoio às ações dos Conselhos Regionais de Fonoaudiologia;**
- >> assegurar a relação do Conselho Federal de Fonoaudiologia com responsáveis pelas políticas públicas, bem como favorecer e ampliar a inserção da Fonoaudiologia nos setores públicos e privados.**

Conheça o novo colegiado e **acesse aqui** o termo de posse:

Diretoria



**Thelma Regina da
Silva Costa**
(CRFa 2-4211)
presidente



**Marlene Canarin
Danesi**
(CRFa 7-0439)
vice-presidente



Sílvia Maria Ramos
(CRFa 5-121)
diretora-tesoureira



Márcia Regina Teles
(CRFa 2-3957)
diretora-secretária

Conselheiros(as) efetivos(as)

Mônica Karl da Silva (CRFa 1-7205)

Ângela Albuquerque Garcia (CRFa 1-5392)

Thelma Regina da Silva Costa (CRFa 2-4211)

Márcia Regina Teles (CRFa 2-3957)

Celso Luiz Gonçalves dos Santos Jr. (CRFa 3-9103)

Mércia Maria Quintino Silva (CRFa 4-7111)

Sílvia Maria Ramos (CRFa 5-121)

Thaís Moura Abreu e Silva (CRFa 6-3734)

Marlene Canarin Danesi (CRFa 7-0439)

Tiago José Nunes de Aguiar (CRFa 8-8764)

Conselheiros(as) suplentes

Béria Fortes Antunes (CRFa 1-3021)

Lídia Becker (CRFa 1-9743)

Mônica Petit Madrid (CRFa 2-6324)

Sílvia Tavares de Oliveira (CRFa 2-3861)

Luciana Ferreira Cardoso Assuít (CRFa 3-7052)

Maria da Glória Canto de Sousa (CRFa 4-4816)

Thelma de Alcantara Paranhos Lima (CRFa 5-5648)

Rogério Roberte (CRFa 6-7629)

Miriam Teresinha Pinheiro da Silva (CRFa 7-6037)

Carlene de Souza Bitu (CRFa 8-5016)

Confira também a composição das Comissões de Trabalho no site do CFFa em:
<http://www.fonoaudiologia.org.br/cffa/index.php/comissoes/>

MUITO ALÉM DA PROMOÇÃO DA SAÚDE

A importância da Fonoaudiologia no Núcleo de Apoio à Saúde da Família

Isadora Dantas – repórter

Estar saudável é muito mais do que apenas estar livre de doenças. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define que a saúde é “um estado de completo bem-estar físico, mental

e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade”. Essa mudança de paradigma transformou o setor no Brasil. Com a publicação da Constituição Federal de 1988, que integra a saúde como direito do cidadão brasileiro, e a publicação da Lei Orgânica da Saúde em 1990, que instituiu o Sistema Único de Saúde (SUS), a atenção à população mudou ao serem promulgados os princípios do SUS: Universalidade, Integralidade, Igualdade.



A Atenção Básica é a porta de entrada de todos os brasileiros aos serviços públicos de saúde e tem na Estratégia Saúde da Família (ESF) sua principal ação. A esta foi integrado o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), instituído pela Portaria GM nº 154, de 24 de janeiro de 2008. O NASF é formado por equipes multiprofissionais e possibilita uma abrangência mais ampla da atenção básica, promovendo a saúde à população.

O fonoaudiólogo é profissional integrante dessa equipe e também pode estar presente no gerenciamento dela, como é o caso da fonoaudióloga Ana Cecília Racioppi Rocha Lloyd (CRFa 6-5001), Coordenadora do NASF Leste em Belo Horizonte/MG. A profissional atuou como fonoaudióloga integrando a equipe do Núcleo por cerca de cinco anos e aponta as principais atribuições do coordenador de equipe: integrar os membros dela e as esferas superiores, monitorar as ações, garantindo que elas ocorram de maneira a cobrir a integralidade dos serviços à população, além de criar estratégias junto às equipes para a melhor execução dos trabalhos. “A coordenação amplia o olhar quando participa desses momentos com toda a equipe, permitindo ser mais resolutiva nas discussões de casos”, afirma.

De acordo com o portal da Saúde, o NASF pode ser dividido em NASF 1, 2 e 3, e os profissionais que os integram poderão ser: médico acupunturista, assistente social, educador físico, farmacêutico, fisioterapeuta, fonoaudiólogo, médico ginecologista e obstetra, médico homeopata, nutricionista, médico pediatra,

psicólogo, médico psiquiatra, terapeuta ocupacional, médico geriatra, médico internista, médico do trabalho, médico veterinário, arte educador e sanitarista. Diante de tantas áreas distintas, Ana Cecília ressalta que o fato de ser fonoaudióloga e não ter o conhecimento profissional de cada área não dificulta as discussões com a equipe e que os momentos de reuniões são de muito aprendizado: “Nas discussões específicas de cada categoria profissional, podem ocorrer dificuldades em acompanhá-las devido às questões técnicas tão específicas, porém, percebo que o momento é mais de aprendizado do que de dificuldade”.

Atualmente, não há dados estatísticos que comprovem a quantidade mínima necessária de fonoaudiólogos a fim de suprir toda a demanda do NASF. Contudo, de acordo com Ana Cecília, a capital mineira conta com 58 equipes NASF e 38 fonoaudiólogos divididos em suas nove regionais. É um número maior se comparado a outras cidades de igual proporção. “Ainda não é o ideal. Melhor seria se tivesse pelo menos um fonoaudiólogo por polo de NASF”, diz. A fonoaudióloga também esclarece que os regionais em Belo Horizonte são classificados de acordo com os índices de vulnerabilidade e outros indicadores de saúde e que, dessa forma, os profissionais atuam com ações de promoção em saúde mais pontuais. A coordenação é responsável por planejar o apoio aos polos que não dispõem de fonoaudiólogos cuja demanda é levantada pela Estratégia Saúde da Família e Gerência da Unidade Básica.

ATRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO NA EQUIPE DO NASF

- >> Realizar discussões e condutas terapêuticas conjuntas e complementares, além do desenvolvimento de projetos e ações intersetoriais que favoreçam a inclusão e a melhoria da qualidade de vida.*
- >> Sensibilizar e capacitar as Equipes de Saúde da Família (ESF), por meio do apoio matricial, quanto aos cuidados em Fonoaudiologia.*
- >> Desenvolver a educação permanente nas ESF, no que se refere à comunicação humana: linguagem oral e escrita, voz, fluência, articulação da fala, audição, equilíbrio, sistema miofuncional orofacial, respiração, mastigação e deglutição.*
- >> Levantar e identificar, em conjunto com ESF, os problemas de saúde que requeiram ações de prevenção de deficiências e das necessidades de reabilitação fonoaudiológica em todas as fases do ciclo de vida dos indivíduos.*
- >> Capacitar, orientar e acompanhar as ações dos agentes comunitários de saúde na detecção de possíveis distúrbios fonoaudiológicos.*
- >> Acolher, apoiar e orientar as famílias, principalmente no momento do diagnóstico, para o manejo das situações oriundas da deficiência ou incapacidade.*
- >> Adotar a integração aos equipamentos sociais existentes, incluindo a orientação de profissionais de escolas, creches, abrigos, Instituições de Longa Permanência, CRAS e outras instituições.*
- >> Executar ações que favoreçam o acompanhamento e a orientação dos processos de alfabetização e de aprendizagem por meio do desenvolvimento de projeto intersetorial com a Educação.*
- >> Realizar ações compartilhadas no âmbito do Programa Saúde na Escola (PSE) enfocando a promoção da saúde fonoaudiológica no primeiro ciclo do Ensino Fundamental (6 a 9 anos).*
- >> Efetuar ações que facilitem a inclusão escolar, buscando realizar diálogo com as equipes de Atendimento Educacional Especializado e demais atores da Educação envolvidos com a atenção ao deficiente; realizar ações que facilitem a inclusão na sociedade.*
- >> Amparar os usuários que requeiram cuidados de reabilitação fonoaudiológica, promovendo a recuperação nos casos pertinentes à Atenção Primária à Saúde (APS) e encaminhando para outros pontos de atenção os casos que demandem reabilitação especializada.*
- >> Desenvolver a reabilitação, no que tange à APS, priorizando os usuários com alterações fonoaudiológicas decorrentes de doenças, dando preferência aos atendimentos coletivos.*

- » Produzir atividades coletivas com foco na promoção da saúde, prevenção de agravos e tratamento, com temas pertinentes à Fonoaudiologia, considerando o perfil epidemiológico da população no território e impacto na saúde pública.
- » Realizar ações de promoção, prevenção, proteção, diagnóstico e recuperação da saúde, pertinentes à APS, nos diversos aspectos relacionados à comunicação humana: linguagem oral e escrita, voz, fluência, articulação da fala, audição, equilíbrio, sistema miofuncional orofacial, respiração, mastigação e deglutição.
- » Fazer visitas domiciliares para orientações, adaptações e acompanhamento, especialmente para usuários restritos ao leito ou ao domicílio que requeiram cuidados quanto à comunicação (incluindo as questões auditivas) e alimentação segura.
- » Praticar o cuidado compartilhado dos casos de disfagia com os demais profissionais do NASF, ESF e Equipe de Saúde Bucal (ESB), auxiliando na indicação, solicitação e controle do uso de espessantes e na indicação de via alternativa de alimentação.
- » Identificar e acolher os usuários com necessidades de cuidados em saúde auditiva; realizar ações de orientação, aconselhamento e apoio diagnóstico nos casos com suspeita ou alteração auditiva; realizar e qualificar encaminhamentos para o programa de atenção à saúde auditiva; acompanhar os pacientes em seu percurso na rede de cuidados; auxiliar os pacientes quanto ao uso e adaptação de AASI, IC ou acessórios auxiliares.
- » Realizar ações que favoreçam a prevenção de alterações no desenvolvimento das habilidades auditivas e que propiciem o diagnóstico precoce da deficiência auditiva; realizar ações de vigilância relacionada à realização de Triagem Auditiva Neonatal.
- » Desempenhar ações de incentivo ao aleitamento materno e assistência nos casos de dificuldades; realizar ações de educação em saúde quanto ao desenvolvimento orofacial relacionado à alimentação e cuidados quanto à utilização de hábitos orais deletérios.
- » Efetivar estratégias que visem ao acompanhamento das crianças que apresentam risco para alterações no desenvolvimento.
- » Implementar ações que favoreçam a prevenção de alterações no desenvolvimento da fala, linguagem e outras habilidades cognitivas.
- » Realizar ações que favoreçam a prevenção de alterações fonoaudiológicas decorrentes do envelhecimento.

ATRIBUIÇÕES DO FONOAUDIÓLOGO NA COORDENAÇÃO DO NASF

- >> Apoiar os gerentes na condução das equipes NASF na APS, auxiliando nas pactuações necessárias entre as ESF e os profissionais do NASF e mediação de conflitos.
 - >> Contribuir na garantia da organização do processo de trabalho dos profissionais do NASF e sua integração com as equipes vinculadas.
 - >> Garantir junto aos gerentes e equipe NASF que a construção da agenda de atividades entre os profissionais do NASF e das equipes vinculadas seja realizada de forma planejada, dialogada e colaborativa.
 - >> Assegurar condições apropriadas para o desenvolvimento das ações dos profissionais do NASF nas unidades, por meio de pactuações com os gestores locais de cada unidade vinculada.
 - >> Oferecer mecanismos para que a equipe NASF atenda situações urgentes e imprevistas.
 - >> Apoiar a equipe NASF na construção de estratégias de apoio que aumentem a resolutividade das ESF.
 - >> Monitorar e avaliar as ações e práticas desenvolvidas pelo NASF considerando o cumprimento de pactuações estabelecidas no âmbito municipal e distrital no tocante às dimensões de apoio matricial (clínico assistencial e técnico-pedagógico).
 - >> Efetuar discussões periódicas dos resultados do NASF com gerentes e equipe NASF fomentando reflexão sobre o impacto das ações do NASF no processo de trabalho das equipes por ele apoiadas.
 - >> Desempenhar junto à equipe NASF as funções de planejamento, apoio e monitoramento das ações por ele desempenhadas (grupos operativos, visita domiciliar, atendimento individual, construção de projeto terapêutico singular).
 - >> Disponibilizar para os profissionais do NASF e unidades de saúde documentos técnicos contendo os princípios e diretrizes sobre o processo de trabalho do NASF, bem como os fluxos e serviços da Rede de Atenção à Saúde – SUS/BH da qual a equipe NASF faz parte.
 - >> Definir estratégias para efetuar o apoio na APS, tanto para o processo de trabalho da equipe NASF quanto os processos específicos por categoria profissional conforme a realidade local.
 - >> Oferecer aos profissionais do NASF informações de saúde da área de abrangência sob sua responsabilidade e sobre a Rede de Atenção à Saúde.
 - >> Articular a integração entre as equipes de reabilitação do NASF e as equipes de reabilitação do Centro de Reabilitação (CREAB) com vistas à integralidade do cuidado.
 - >> Apoiar a equipe NASF a realizar ações específicas e compartilhadas com as equipes vinculadas, promovendo interação e corresponsabilização entre os profissionais e usuários.
- * Algumas particularidades na metodologia de serviço podem divergir de cidade para cidade.**



FONOAUDIOLOGIA EDUCACIONAL

Artigo analisa aspectos históricos e sociais dessa especialidade no Brasil

Cibele Siqueira – CRFa 2-6198

Heloisa Oliveira Macedo – CRFa 2-4524

Maria Teresa Rosangela Lofredo Bonatto – CRFa 2-3485

Vera Regina Vitagliano Teixeira – CRFa 2-1458

A Fonoaudiologia tem o início de sua história no Brasil marcada pela relação com a educação. A especialidade Fonoaudiologia Educacional foi criada em 2010 pela Resolução nº 382/10 do Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa), mas “a inserção da Fonoaudiologia na Educação se dá entre as

décadas de 1920 e 1940 e é legitimada com a sua regulamentação em 1981. Nessa época, grandes transformações são observadas e muito ainda se tem a discutir no que diz respeito à atuação fonoaudiológica nessa área” (*Fonoaudiologia na Educação: políticas públicas e atuação do fonoaudiólogo, 2010, CRFa 2ª Região, p. 11*). Vale a pena conferir essa história se você ainda não a conhece, ou relembra-la – veja, por exemplo, os trabalhos de Figueredo Neto (1988) e Berberian (1993).





Divulgação

Sobre essa atuação específica da Fonoaudiologia, há várias linhas de trabalho diferentes e, juntamente com as diversas abordagens, acompanhamos debates que incluem posições político-ideológicas fundamentais para uma atuação ética e eficaz. Assim, propomos que juntos verifiquemos um pouco do que diz a Resolução do CFFa nº 387/10, que define as atribuições e competências do profissional especialista em Fonoaudiologia Educacional.

Vamos iniciar pelas competências, definidas no artigo III da Resolução, que determina que o fonoaudiólogo educacional deverá “conhecer as políticas de educação definidas em âmbitos federal, estadual e municipal, bem como os programas, projetos e ações relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem”. Tal conhecimento implica que sua atuação deve acontecer sempre em parceria com outros profissionais da educação e, privilegiando o conhecimento específico da área, em prol da

Oficina: “Hiperatividade e Desatenção X Demandas Sociais” – Bett Brasil Educar 2016

melhor aprendizagem e desenvolvimento da comunicação humana, nos diversos aspectos: oral, escrita e não verbal.

Como consequência do conhecimento exigido, é função do fonoaudiólogo que atua na educação colaborar nos diversos campos, “em consonância com as políticas, programas e projetos educacionais públicos e privados vigentes” (*idem. ibidem.*) É indispensável ressaltar que a Fonoaudiologia Educacional é um trabalho multidisciplinar, sem fins terapêuticos, que atua junto à comunidade educacional respondendo às necessidades da educação, relacionadas à aprendizagem e ao desenvolvimento da comunicação.

Segundo o Documento Norteador elaborado pelas Comissões de Educação do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia (CFFa e

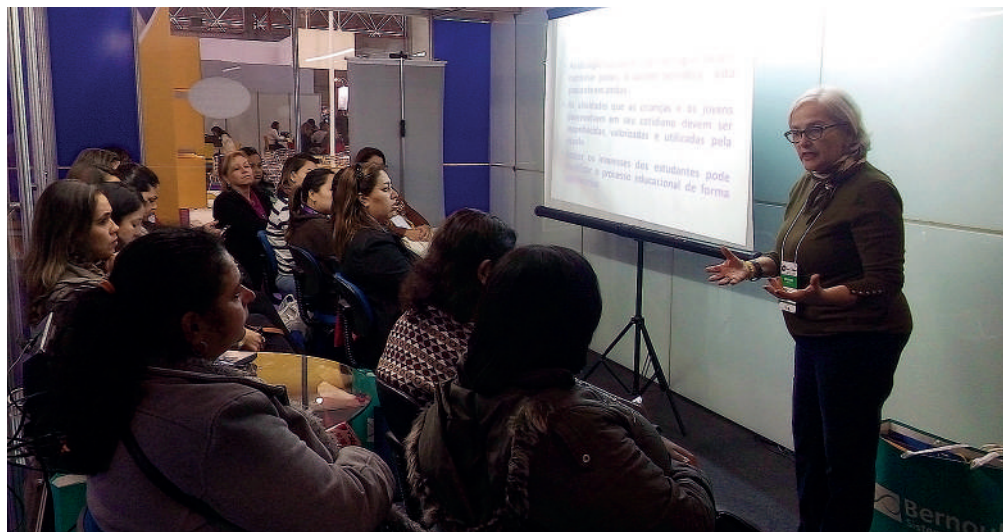
Regionais), publicado no início deste ano, as ações do fonoaudiólogo educacional podem ser divididas em cinco eixos: acolhimento da demanda, análise da situação institucional, proposição de estratégias, implantação de propostas e monitoramento das ações. Além disso, ainda segundo o documento, o fonoaudiólogo educacional poderá também ter atuação em gestão, em pesquisa e inter-setoriais (quando envolvem a articulação de estratégias entre diferentes setores sociais ou de diferentes políticas públicas).

Sobre as ações elencadas, destacamos as proposições de estratégias realizadas pelos fonoaudiólogos (que devem ser realizadas após acolhimento de demanda e análise da situação institucional e verificadas suas efetividades ao final da implantação de cada proposta de ação). Essas ações preveem a contribuição na elaboração e no desenvolvimento do Projeto Político Pedagógico, planejamento de ações

junto com o grupo gestor e a equipe técnica pedagógica, desenvolvimento de ações educativas e pedagógicas para apoio e efetivação da aprendizagem, oferecimento de suporte às atividades em salas de aulas regulares e de Atendimento Educacional Especializado (AEE), orientação de atividades de promoção da comunicação oral e escrita a serem desenvolvidas pelos educadores, contribuição com os processos de letramento e alfabetização, promoção de saúde para a comunidade escolar, formação continuada à equipe escolar, atuação junto aos órgãos públicos ligados à educação (Núcleo de Apoio à Educação — NAE e à Inclusão — NAI, por exemplo).

Chamamos a atenção para o cuidado que cada profissional deve ter na proposição e

Oficina: “O Brincar e Aprendizagem”, ministrado pela Conselheira do CRFa 2ª Região Vera Regina Vitagliano Teixeira, na Bett Brasil Educar 2016



no desenvolvimento das estratégias previstas em nossos documentos oficiais. Destacamos a importância da atuação em equipe, com a equiparação de valores profissionais. Salientamos a necessidade do desenvolvimento de ações éticas e respeitadas aos direitos humanos.

A especificidade de nosso conhecimento sobre a aquisição e o desenvolvimento dos diferentes aspectos envolvidos na comunicação humana nos impõe o compromisso de bem informar aqueles com os quais trabalhamos sobre aspectos teóricos, técnicos e práticos que envolvem esse saber tão específico. Precisamos valorizar e respeitar o campo de atuação específico de cada profissional (professor, coordenador pedagógico, educador, entre outros). Atuamos, sim, na escola, mas precisamos cuidar para não invadir o território alheio.

Assim, o fonoaudiólogo pode, por exemplo, como exposto em outro documento do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia (Contribuições do fonoaudiólogo educacional para seu município e sua escola, 2015), disponibilizar e discutir informações/conhecimentos a respeito dos aspectos concernentes à Fonoaudiologia que beneficiem o educador e o estudante; prestar assessoria e dar suporte à equipe escolar discutindo e elegendo estratégias que favoreçam o trabalho com alunos que tenham dificuldades de fala, linguagem oral e escrita, voz e audição; realizar ações de promoção de saúde que resultem no desenvolvimento dos estudantes e na saúde da equipe escolar; orientar as

E então, você, fonoaudiólogo que atua na educação, tem observado todas essas questões? Já parou para refletir se sua atuação de fato contempla os eixos propostos pelo documento norteador elaborado pelos Conselhos de Fonoaudiologia?

Você tem se preocupado em conhecer e discutir esses documentos oficiais, fundamentais para que você esteja com seu trabalho pautado em ideias e estratégias de consenso nacional?

famílias; participar de reuniões multiprofissionais; entre outros. No documento citado, ressaltamos que todas as propostas são indicadas como ações conjuntas com as equipes envolvidas no equipamento escolar e nas comunidades educacionais.

Considerando as ações possíveis do fonoaudiólogo educacional, cujo campo de ação tem crescido significativamente nos últimos anos, vale refletir cada vez mais sobre nossa atuação nessa área. Nesse sentido, nossa participação em eventos de educação é extremamente importante, pois nos coloca em contato com as equipes e com os grupos

que trabalham pela educação, nos permitindo manter atualizadas nossas ações.

Foi assim que se deu nossa participação na Feira BETT Brasil Educar, ocorrida entre os dias 18 e 22 de maio deste ano. Nesse evento, o estande do Sistema de Conselhos de Fonoaudiologia, representado pelo CR-Fa 2ª Região, foi montado e foram apresentadas várias oficinas que pudessem chamar as pessoas para conhecerem a atuação do fonoaudiólogo na Educação. Mais uma vez, como em anos anteriores, foi um sucesso. Algumas reflexões foram geradas a partir desse evento e uma delas foi a de que, embora no contexto educacional, os temas que mais chamam a atenção são aqueles em que há uma patologia específica envolvida (dislexia, disgrafia, TDH, entre outras).

Atualmente, com um aumento na busca de remédios ou estratégias terapêuticas que saíam do problema do estudante (atribuindo a ele a causa do problema, como desde o século passado a escola tenta fazer), problemas na aprendizagem e no desenvolvimento educacional cada vez mais frequentes, as pessoas querem entender o que são as patologias. É legítima essa busca por esse tipo de informação, mas cabe a nós, fonoaudiólogos educacionais, participarmos dessa discussão em favor mais do desenvolvimento e menos da patologia. Com a apresentação das oficinas na Feira, acreditamos que estamos indicando caminhos para que os diferentes profissionais que atuam na educação conheçam nosso campo de ação para além da doença, de modo que possamos estabelecer verdadeiras parcerias.

E, como resultado desta última participação, ficou nosso desejo de ampliar as discussões na compreensão de práticas não medicalizantes no Congresso Bett Brasil Educar, que acontece em paralelo à Feira, o que nos possibilitaria debater em sessões maiores e com maior profundidade sobre as ações do fonoaudiólogo educacional nessa perspectiva.

Finalizando, acrescentamos que a Fonoaudiologia, ciente da importância da melhoria da qualidade do ensino em nosso país, tem estabelecido parcerias importantes para a concretização do compromisso global da Educação para Todos. Nesse sentido, o CRFa 2ª Região tem se aproximado do poder legislativo para discussão de projetos de leis em andamento, que tratam de medidas medicalizantes na Educação, tem participado de eventos para divulgar a intersectorialidade Saúde e Educação e buscado constantemente fortalecer a Fonoaudiologia Educacional nas políticas públicas.

Se você atua como fonoaudiólogo educacional, participe do Conselho de Fonoaudiologia enviando sugestões, questionamentos e depoimentos que possam ajudar cada vez mais nesse fortalecimento.



NOVO CÓDIGO DE ÉTICA O QUE ESTÁ EM DESTAQUE?

Conheça o processo de elaboração e os principais destaques do documento feito pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia

Thaiane Firmino – repórter

Além de fixar normas que regulam os comportamentos dos indivíduos no exercício da profissão, o Código de Ética define direitos e deveres e é fonte de orientação para os profissionais. O respeito às normativas contidas no documento garante que o cliente, a família, os colegas, a sociedade e o meio ambiente não sejam prejudicados. Na Fonoaudiologia, a primeira versão do Código foi publicada em 2004 e, recentemente, foi atualizada para atender com mais precisão aos novos aspectos da prática fonoaudiológica.

Regulamentada desde o ano de 1981, a profissão de fonoaudiólogo conta com o Sistema de Conselhos, distribuído de forma a contemplar todas as regiões do país. O ponto em comum dessa estrutura é o Conselho Federal de Fonoaudiologia (CFFa) e, assim como este, os Conselhos Regionais são organizados por comissões internas. Entre elas, está a de ética, responsável pela reformulação do Código. Antes da atualização do documento, os membros estudaram a Declaração Universal sobre Ética e Bioética e Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco),

que resgata a necessidade de contemplar a sobrevivência do planeta e tem como prioridade a defesa dos vulneráveis e o respeito ao pluralismo.

Após a elaboração da primeira versão da revisão do Código de Ética, foram realizados fóruns nos Conselhos Regionais para apreciação pelos fonoaudiólogos, com o intuito de garantir que os profissionais se sintam contemplados e responsáveis pela construção. Na etapa seguinte, assessores jurídicos e fiscais participaram do processo e, por meio de oficinas, foi realizado estudo prático da aplicabilidade do novo Código. Na oportunidade foram simuladas e julgadas, à luz do documento, diferentes situações vivenciadas pelos fonoaudiólogos no exercício da profissão.

Segundo a presidente da Comissão de Ética do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 8ª Região (Crefono 8), Fernanda Sampaio, o destaque do novo Código fica por conta do

caráter orientativo. Para ela, o documento vai além de ser um apanhado de normativas punitivas e se destaca por fomentar o respeito, por isso é fundamental seguir suas orientações. “O Código de Ética é o documento que assegura os nossos direitos e deveres e fiscaliza nossas ações no exercício da profissão. Portanto, conhecê-lo e utilizá-lo é nossa obrigação como profissionais”, disse.

Outro ponto destacado pela presidente da Comissão está relacionado ao uso da tecnologia na profissão. No novo Código, o artigo 24, inciso II, por exemplo, trata sobre o uso de imagens dos pacientes em meios de comunicação e adverte para a necessidade de autorização deles ou dos seus responsáveis. “O índice de utilização de mídias sociais com fins profissionais aumentou, e o Código anterior não contemplava esse aspecto devido à interação virtual não ser uma realidade na época em que foi elaborado”, explicou.



FONOAUDIOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO

Unidades básicas de saúde, ambulatórios, hospitais e unidades educacionais estão entre as áreas de atuação

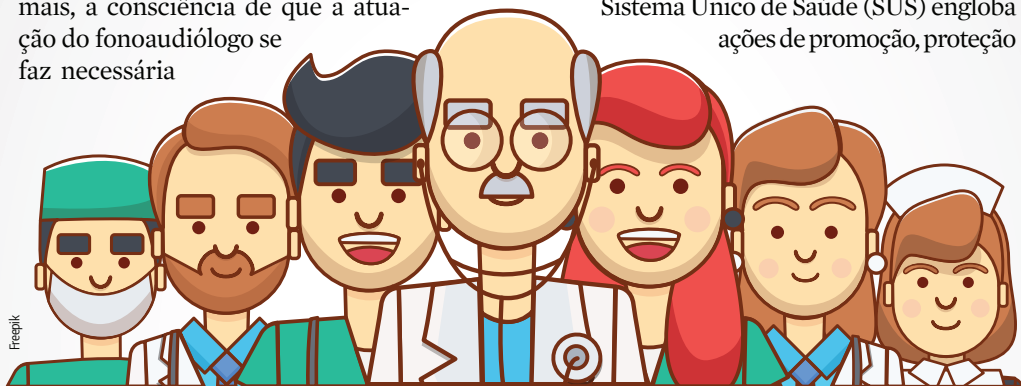
Cibele Avendano – repórter

Da saúde da criança aos cuidados com o idoso, os profissionais de Fonoaudiologia têm hoje um mercado em expansão, pelo reconhecimento das demandas em relação à fala, à linguagem, à motricidade orofacial, à disfagia, à voz, à triagem auditiva neonatal e ao aleitamento materno. Há, cada vez mais, a consciência de que a atuação do fonoaudiólogo se faz necessária

tanto na atenção básica quanto na média e alta complexidade. Esse mercado, porém, ainda tem sido muito mais reconhecido no setor privado do que no setor público.

“É muito comum nos concursos públicos vermos somente uma ou duas vagas para fonoaudiólogos. Penso que temos que mudar essa realidade porque existe uma necessidade muito grande, tanto na assistência quanto na gestão de políticas públicas voltadas para a saúde da criança e do adolescente, saúde do idoso, saúde da pessoa com deficiência, saúde do trabalhador, assim como na área do ensino”, explica a fonoaudióloga Marília Ache Carlotto Brum Santos, que trabalha na Secretaria Estadual da Saúde/RS.

A atuação da Fonoaudiologia dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) engloba ações de promoção, proteção



e recuperação da saúde nos diversos aspectos relacionados à comunicação humana em todo o ciclo vital, inserindo-se em Unidades Básicas de Saúde (UBS), ambulatórios de especialidades, hospitais, unidades educacionais, domicílios e outros setores da comunidade. Até hoje, no entanto, a Fonoaudiologia continua mais voltada para a terapia do que para a prevenção; mais para o individual do que para o coletivo; e, em geral, ainda é mais comum em consultórios particulares do que em instituições públicas.

“Procuramos nos inserir em campanhas junto à Prefeitura Municipal e secretarias do Estado para que a Fonoaudiologia seja amplamente divulgada, mas o espaço ainda é pequeno em relação à toda a demanda que existe nas diversas áreas de atuação”, reconhece a presidente do Conselho Regional de Fonoaudiologia da 7ª Região, Luciana Kael de Sá. A Fonoaudiologia já está inserida hoje em diferentes níveis de atenção à saúde. Além disso, tem um número maior de cursos de graduação e o aumento de campos de residência, porém, ainda há muitos desafios como, por exemplo, o aumento do número de vagas nos concursos públicos e nas residências; a preparação de cada vez mais profissionais para que atuem na saúde pública e demonstração para a sociedade e para o poder público daquilo que pode proporcionar aos usuários e suas famílias atuando e contribuindo nas equipes multiprofissionais.

A fonoaudióloga Marília Ache Carlotto Brum Santos manifesta a contribuição do seu trabalho no serviço público. “Atuo nas ações voltadas às políticas públicas no que se refere ao desenvolvimento infantil, realizando a interface com colegas da Secretaria da Saúde, visando à busca ativa de crianças faltantes na triagem auditiva neonatal ou que apresentam indicadores de risco para deficiência auditiva. Além disso, crio o material técnico para profissionais que atendem famílias em situação de vulnerabilidade social com temáticas sobre deficiências, fala, linguagem, triagem neonatal, desenvolvimento infantil, aleitamento materno e auxilia o desenvolvimento de ações na gestão estadual do Método Canguru”, relata ela.

Como tutora da Residência Multiprofissional, Marília trabalha com os residentes sobre a inserção do fonoaudiólogo na Atenção Básica. Ela mostra como o residente promove ações de promoção de saúde nas Estratégias de Saúde da Família (ESF) e nos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASFs) e de que forma pode contribuir com o seu conhecimento, pois na

maioria das vezes ainda não há fonoaudiólogos nessas equipes. Além disso, ela é preceptora de residentes de Fonoaudiologia da ESP/RS e da UFRGS nos estágios de gestão na área da saúde da criança.



Fique
de Olho

CONFIRA NOSSA AGENDA

COM OS PRINCIPAIS EVENTOS
DA FONOAUDIOLOGIA



18 a 20/8

Evento:
**15º Congresso
da Fundação
Otorrinolaringologia**

Local:
**Campos do Jordão
Convention Center/SP**

Mais informações:
[www.forl.org.br/
congresso2016](http://www.forl.org.br/congresso2016)

24 a 27/8

Evento:
**Jornada de Fonoaudiologia do
UNIPLAN – “Fortalecimento e
Atualização da Fonoaudiologia
no Distrito Federal”**

Local:
**Auditório do Centro
Universitário Planalto do
Distrito Federal – Avenida
Pau Brasil, lote 02 S/N, Águas
Claras, Brasília/DF**

Mais informações:
**(61) 3435-4992 ramal:
136 (Clínica de Fonoaudiologia
UNIPLAN)**

Agosto

Fique
de Olho

CONFIRA NOSSA AGENDA

COM OS PRINCIPAIS EVENTOS
DA FONOAUDIOLOGIA

26/8

Evento:

**X Jornada Goiana de
Fonoaudiologia e
IV Encontro de Egressos
de Fonoaudiologia
da PUC Goiás**

Local:

**Auditório da Área 4 da
PUC/GO (Goiânia/GO)**

Mais informações:

(62) 3946-1196/1197/1528



21 a 24/9

Evento:

**VI Congresso
Internacional de
Cuidados Paliativos**

Local:

**Dall'Onder Grande Hotel,
Bento Gonçalves/RS**

Mais informações:

congressosancp.com.br

**23/9 das
17h às 21h**

Evento:

**Como eu trato
linguagem e disfagia no
envelhecimento?**

Local:

**Universidade Federal do
Rio Grande do Sul – Porto
Alegre/RS**

Mais informações:

redefono@crefono7.org.br

Setembro

Fique
de Olho

CONFIRA NOSSA AGENDA

COM OS PRINCIPAIS EVENTOS
DA FONOAUDIOLOGIA

Data a definir

Evento:

**II Fórum de Ciências
Biológicas e da Saúde
da UNAMA e o II Fórum
de Fonoaudiologia**

Local:

UNAMA – Belém/PA

Mais informações:

**Centro de Ciências
Biológicas e da
Saúde e Curso de
Fonoaudiologia da
UNAMA**



20 a 22/10

Evento:

**XXIV Congresso Brasileiro de
Fonoaudiologia**

Local:

**Centro de Convenções – Av. Rebouças,
600, São Paulo/SP**

Mais informações:

www.sbfa.org.br/fono2016

Outubro



NO ALTO DO PÓDIO

*Brasil é o país que
mais realizou ações
da Campanha do
Dia Mundial da Voz*

Suzana Campos – repórter

Em 2016, o Brasil realizou 160 ações da Campanha do Dia Mundial da Voz, o que o colocou em primeiro lugar em um ranking de 55 países divulgado pela Academia Brasileira de Laringologia e Voz (ABLV). A Rússia ficou em segundo lugar, com 86, seguida pela Argentina, com 47 ações, e Estados Unidos, com 44 ações. A presidente da Comissão de Divulgação do CFFa, Silvia Ramos, fonoaudióloga especialista em Voz, associa a posição de destaque ao crescimento da Fonoaudiologia no país. “Somos referência mundial não somente na área de Voz, mas na produção científica de forma geral”, considera.


Campanhas



Acesse neste link a Campanha do Dia Mundial da Voz: Todos os materiais de divulgação da campanha podem ser baixados aqui

A voz é tão individual quanto a impressão digital, ela tem relação direta com idade, sexo, personalidade, emoção e profissão. Por isso é preciso cuidar da voz durante todas as fases da vida. Sintomas como rouquidão, pigarro constante, voz fraca, falhas ou cansaço ao falar merecem atenção. Diante de qualquer um deles, consulte um fonoaudiólogo e um otorrinolaringologista.

Seja amigo da sua voz. Minha Voz, Minha Identidade!



16 DE ABRIL, DIA MUNDIAL DA VOZ



NÓS TEMOS UM RECADO SOBRE SUA VOZ



SBFA
Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia

QUAL ABORTO É O ABORTO IDEAL PARA CADA PROBLEMA COM A VOZ?

SEU PROBLEMA COM A VOZ É CRONICO, SEMPRE EM CASO DE FALCÃO OU SE VOZ TEM MAIS DE 60 ANOS?

SEU PROBLEMA COM A VOZ É AGUDO, COM INFLAMAÇÃO, COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO OU COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO?

SEU PROBLEMA COM A VOZ É AGUDO, COM INFLAMAÇÃO, COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO OU COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO?

SEU PROBLEMA COM A VOZ É AGUDO, COM INFLAMAÇÃO, COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO OU COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO?



SEU PROBLEMA COM A VOZ É AGUDO, COM INFLAMAÇÃO, COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO OU COM SINTOMAS DE INFLAMAÇÃO?

Seja amigo da sua voz

A voz é tão individual quanto a impressão digital, tem relação direta com a idade, sexo, personalidade, emoção e profissão. Assim como temos a identificação de uma pessoa pela digital, temos a identidade vocal. Por isso, é preciso cuidar dela durante todas as fases da vida. Artistas, professores, operadores de telesserviços e demais profissionais que utilizam a voz precisam ter atenção redobrada. Sintomas como rouquidão, pigarro constante, voz fraca, falhas ou cansaço ao falar merecem atenção. Diante de qualquer um deles, consulte um fonoaudiólogo e um otorrinolaringologista. Minha Voz, Minha Identidade!

Com o tema “Seja amigo da sua voz”, os apresentadores do programa Hoje em Dia, Ana Hickman, César Filho, Renata Alves e Ticiane Pinheiro, estrelaram a campanha deste ano. O CFFa uniu forças com a Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, o que permitiu divulgar de maneira mais abrangente o material utilizado para a conscientização sobre os cuidados com a voz. “Essa parceria permitiu que os articuladores do Departamento de Voz de todo o país trabalhassem juntos”, completa Silvia.

Conselho
Orienta

O COTIDIANO DA **FONOAUDIOLOGIA**

A fiscalização ética e técnica rende histórias marcantes sobre o dia a dia da profissão



Thaiane Firmino – repórter

Para atender a demanda de fiscalização ética e técnica relacionada ao exercício da profissão de fonoaudiólogo, o Conselho Regional de Fonoaudiologia da 8ª Região (Crefono 8) conta com duas profissionais da área, Sayonara Esmeraldo e Michelle Pontes, concursadas especificamente para suprir essa necessidade nos estados do Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. Por meio de visitas em clínicas, hospitais, consultórios, empresas, escolas, instituições e quaisquer outros locais que ofereçam – mesmo que supostamente – serviços de Fonoaudiologia, as fiscais verificam os registros dos fonoaudiólogos e a documentação relacionada ao funcionamento da empresa. A infraestrutura e as condições em que o serviço é prestado também são levadas em consideração.

Até então, no ano de 2016, cerca de 120 estabelecimentos foram fiscalizados em mais de 20 municípios. Entre as irregularidades frequentemente encontradas estão o exercício ilegal da profissão, a pessoa física inadimplente ou portando cédula em desacordo com a região onde atua, a pessoa jurídica não inscrita, quadro técnico irregular e falta de registro de informações em prontuários. “Vamos com o intuito de orientar os profissionais pelas legislações e normativas que englobam o exercício da Fonoaudiologia. Nos colocamos à disposição para tirar dúvidas e, se necessário, o profissional ou estabelecimento recebe uma notificação com prazo para atender às solicitações”, explicou a fiscal Sayonara.



Arquivo CFFa

Fiscais do Crefono 8, Sayonara Esmeraldo e Michelle Pontes

Apesar das constatações negativas em determinadas situações, entre idas e vindas, as fiscais se deparam com relatos que honram a profissão. De acordo com Michelle, fiscal do Crefono 8 desde 2013, apesar de as viagens serem cansativas, trata-se de uma atividade recompensadora. “Acredito que o mais enriquecedor nessa experiência é estar sempre perto dos fonoaudiólogos, orientando-os. É notório que os profissionais sentem-se mais assistidos com a nossa presença”, compartilhou.

No estado do Rio Grande do Norte, entre as histórias constatadas pela fiscalização está a de Aline Monteiro. A fonoaudióloga atende no ambulatório do Hospital Naval de Natal (HNNa) e o exercício humanizado



da profissão chamou atenção das fiscais do Crefono 8. Uma das vivências marcantes destacadas por Aline está relacionada a um paciente com 78 anos de idade que apresentava dificuldade de fala severa, decorrente de um acidente vascular encefálico. “O homem foi ao consultório muito abatido por não ser compreendido pelas pessoas, principalmente pela própria esposa. Na terapia, percebi que ele respondeu bem aos exercícios com canto. Depois de algumas sessões, eu virei a cadeira dele em direção à esposa e ele cantou para ela. A música era ‘Os seus botões’, de Roberto Carlos. O casal ficou visivelmente emocionado”, relatou.

Também localizada na capital potiguar, a Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) é referência em partos de alto risco e o foco dos atendimentos é voltado, principalmente, para os prematuros. “Eles demandam grande atenção, mas cuidamos ainda de casos de síndromes, fissuras labiopalatinas e cardiopatias”, informou a fonoaudióloga Ana Alessandra Aguiar, que trabalha na maternidade há pouco mais de um ano. “Tivemos um prematuro extremo que passou meses na UTI Neonatal (UTIN), vivenciou procedimentos traumáticos e já não apresentava perspectiva de sobrevivida. Mas após o trabalho da equipe multidisciplinar e da intervenção fonoaudiológica, o bebê teve alta”, relata. Segundo a fiscal Michelle Pontes, durante a visita foi possível identificar que a atuação fonoaudiológica na unidade é completa e conta com cinco profissionais atuando desde o alojamento até a UTIN.



Fonoaudióloga Aline Monteiro com integrantes da equipe multidisciplinar

Aterno CFFa



Ana Alessandra com equipe da UTIN e residentes de Fonoaudiologia

Aterno CFFa





Na capital do Piauí, há pouco mais de dez anos, as profissionais Lizard Batista e Nilema Araújo mantêm uma clínica especializada em atendimentos fonoaudiológicos. Além de realizar exames como Teste da Orelhinha e Monitoramento Auditivo, a unidade disponibiliza Teste da Linguinha em até 48 horas após o parto, com o objetivo de diagnosticar e antecipar a indicação de tratamento adequado. “Disponibilizamos também o sistema *follow up* para bebês de risco, pois é necessário que eles tenham o acompanhamento do fonoaudiólogo mesmo após a alta hospitalar”, enfatizou Batista. Para a fiscal Sayonara Esmeraldo, o destaque fica por conta do trabalho multidisciplinar, pois no mesmo ambiente onde é disponibilizado o serviço

Lizard Batista com fonoaudiólogas que compõem a equipe da Clínica

fonoaudiológico, existem outras salas para realização dos mais diversos tipos de exames. Além disso, os profissionais das outras áreas reconhecem a importância do trabalho das fonoaudiólogas.

Com atividades educativas (palestras, rodas de conversas, campanhas) e terapias, o fonoaudiólogo Fabrício Silva desempenha suas atividades na cidade de José de Freitas, interior piauiense. O Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF) e a Clínica de Reabilitação da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) são as instituições que recebem e fomentam o trabalho do profissional.



De acordo com a avaliação da fiscal Sayonara Esmeraldo, durante sua visita à APAE foi possível perceber a qualidade do atendimento realizado. “Fiquei feliz em ver o fonoaudiólogo realizado, atuando em um ambiente onde é respeitado e desfrutando de estrutura adequada para a realização do trabalho, conforme a Recomendação nº 13/10 do CFFa”, disse.

Já em terras cearenses, mais precisamente na cidade de Limoeiro do Norte, a Fonoaudiologia tem sido aliada no tratamento de limitações decorrentes da microcefalia — doença que, segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Ceará, no período entre dezembro de 2015 e junho de 2016, apresentou casos em mais de 56% dos municípios. Nessa estatística está Maria Marikelly (quatro meses), filha de Maria Camila do Carmo, que é acompanhada pela fonoaudióloga Daniela Lima na Policlínica Judite Chaves Saraiva. Ansiosa pelo desenvolvimento de seu bebê, a mãe se mostra satisfeita com a possibilidade de ter atendimentos fonoaudiológicos à disposição. “Ela babava demais e não se expressava. Agora ela baba menos e sorri para se expressar”, disse. Para a profissional, perceber essa valorização é gratificante. “Minha vivência sempre foi em saúde pública e reabilitação física. Desejo que os indivíduos tenham um entorno social saudável e, por isso, me dedico extremamente”, afirmou. De acordo com a fiscal Michelle Pontes, apesar de os atendimentos acontecerem predominantemente em clínicas particulares da cidade, a estrutura da Policlínica contribui para o bom desempenho



Ateno CFFa

Fonoaudióloga Daniela Lima em atendimento a paciente Maria Marikelly

da Fonoaudiologia também no Sistema Único de Saúde (SUS). “Há apenas uma fonoaudióloga, mas a estrutura é muito boa e dispõe de equipamentos de ponta”, concluiu.

Em Tabuleiro do Norte/CE, cidade situada a 215 km da capital do estado, a população conta com o trabalho da fonoaudióloga Ana Glúvia de Araújo, no Centro Municipal de Reabilitação Gerusa Maurício de Andrade. A profissional, que atende pacientes com paralisia cerebral, autismo, distúrbios de



aprendizagem e Síndrome de Down, reconhece a necessidade de mais investimentos na área. “É bem vasto o campo de atuação. No entanto, não considero o número de sessões semanais adequado. Devido ao tempo estipulado para cada atendimento, a permanência no tratamento é muito prolongada, o que prejudica o desempenho do paciente”, desabafou. Por meio da fiscalização, o Crefono 8 constatou a falta de recursos necessários para que o trabalho fonoaudiológico seja realizado com precisão. “O local é o único na cidade que realiza os atendimentos de Fonoaudiologia pelo SUS. São muitos pacientes, com faixas etárias diferentes e as mais diversas patologias”, observou a fiscal Michelle Pontes.

O trabalho de fiscalização da 8ª Região possibilita que relatos da Fonoaudiologia, que dificilmente seriam divulgados em larga escala, passem a fazer parte da história do Conselho. O restabelecimento de uma vida, como ocorreu com o bebê Igor Silva*, em São Luís/MA, é mais uma evidência dessa benéfica relação. A coordenadora do serviço de Fonoaudiologia do Hospital da Criança Dr. Amaral de Matos, Patrícia Trinta, conta que as duas equipes de fonoaudiólogos da unidade foram fundamentais para a recuperação do prematuro, de 1,8 kg, diagnosticado com Desnutrição Proteico Calórica (DPC). Como resultado do trabalho em equipe, o bebê se recuperou, passou a pesar 3 kg e foi para casa em boas condições.

**Igor Silva é um nome fictício para preservar a história da criança e não causar situação vexatória.*



Aterno CFFa

Neste caso em especial, o que chamou minha atenção foi a garra que ele tinha. A cada piora clínica, Igor* dava a volta por cima. Ele queria viver!” Patrícia Trinta



Aterno CFFa

Apesar da diversidade de pacientes, a fonoaudióloga Ana Glívia de Araújo realiza o trabalho com primor



RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL

*Fonoaudiólogos comentam a importância
de aliar a técnica à prática*

Maurício Junior – repórter

Quando ainda estava cursando Fonoaudiologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), o recém-formado fonoaudiólogo do Recife/PE Everson Hozano da Silva tinha em mente um único anseio: após a conclusão

da graduação, ingressar diretamente em uma Residência Multiprofissional. O desejo logo se tornou realidade e o recifense foi aprovado na Residência com enfoque na Saúde do Idoso, no Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP), iniciada em março deste ano.



“Sempre tive em mente que não saímos da universidade totalmente prontos para a vida profissional. Embora tenha desempenhado os estágios curriculares de forma satisfatória, a realidade fora da instituição formadora é totalmente diferente no que diz respeito às responsabilidades ético-profissionais e ao conhecimento teórico-prático”, avalia o fonoaudiólogo.

Assim como Everson, diversos fonoaudiólogos compartilham desse mesmo ponto de vista. Nos últimos anos, a região Nordeste ampliou o quantitativo de residências, com destaque para o estado de Pernambuco, um dos maiores em número de programas. Essa inserção da Fonoaudiologia nas residências multiprofissionais em saúde é vista como algo bastante positivo, pois reflete a aproximação da profissão com o Sistema Único de Saúde (SUS). “O fonoaudiólogo que passa por essa experiência torna-se um profissional diferenciado”, acredita Vanessa Lima, coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UFPE.

As residências são uma grande estratégia de formação no SUS e para o SUS, na medida em que unem a reflexão teórica e a vivência nos serviços de saúde, além de contribuir para o aprimoramento das práticas das unidades que recebem residentes. É uma excelente oportunidade para o fonoaudiólogo aprimorar e desenvolver habilidades técnico-científicas eficazes para oferecer um serviço de qualidade para a população. Somadas



Averno CFFa



Sempre tive em mente que não saímos da universidade totalmente prontos para a vida profissional. Embora tenha desempenhado os estágios curriculares de forma satisfatória, a realidade fora da instituição formadora é totalmente diferente no que diz respeito às responsabilidades ético-profissionais e ao conhecimento teórico-prático”

**Everson Hozano da Silva,
fonoaudiólogo do Recife/PE**

aos conhecimentos adquiridos, as residências possuem uma carga horária predominantemente prática — 60h semanais com 20% de atividades teóricas e 80% de atividades práticas e teórico-práticas.

“Por ser uma experiência constituída com uma grande carga horária, o residente tem a oportunidade tanto de aprender como de amadurecer os seus conhecimentos, além de desenvolver um raciocínio clínico mais apurado”, detalha Hozano. “Também proporciona uma vivência profissional intensa, que vai desde a atuação técnica até a criação de espaços para discussões científicas e multiprofissionais, viabilizando experiências diversificadas e, conseqüentemente, apropriação de novos conhecimentos por meio da aproximação entre teoria e prática”, complementa a fonoaudióloga Ana Terra Brito de Jesus, de Salvador/BA, que conclui este ano a Residência Multiprofissional em Saúde — Núcleo Nutrição Clínica iniciada em 2014.

Conceição Pessoa de Santana, professora da Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas (UNCISAL) e fonoaudióloga da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH/HU/UFAL), realiza atualmente uma pesquisa junto aos Programas de Residência Multiprofissional do Nordeste. Segundo sua linha de estudo, um dos grandes avanços relacionados a essa modalidade em ensino de pós-graduação *lato sensu* é a prática interprofissional, tão preconizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS).



Arieno CFFa



Proporciona uma vivência profissional intensa, que vai desde a atuação técnica até a criação de espaços para discussões científicas e multiprofissionais, viabilizando experiências diversificadas e, conseqüentemente, apropriação de novos conhecimentos por meio da aproximação entre teoria e prática”

**Ana Terra Brito de Jesus,
fonoaudióloga de Salvador/BA**



A educação interprofissional, objeto de estudo da pesquisa do doutorado que cursa na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), propõe reconstruir os processos de trabalho e as competências profissionais na tentativa de avançar no sentido oposto ao da fragmentação da formação e dos serviços. Infelizmente, muitas universidades ainda apresentam uma estrutura curricular que separa os vários saberes das profissões, mas que, ao final, necessitarão trabalhar em equipe, justifica Conceição Pessoa.

A fonoaudióloga já tem resultados parciais da sua pesquisa, que serão apresentados em um evento em Oxford, em setembro deste ano. Adianta já ser evidente que, na formação interprofissional proporcionada pela Residência Multiprofissional em Saúde, muitos conflitos são minimizados, considerando os momentos compartilhados de aprendizado comuns.

“Os ganhos com as experiências interprofissionais são imensos. Esse contato entre os núcleos profissionais contribui sobremaneira para o desenvolvimento de cada profissão, uma vez que ultrapassa as barreiras da clínica tradicional para uma clínica ampliada”, destaca Vanessa Lima.

Na avaliação de Ana Terra, ter participado da residência proporcionou inúmeros ganhos, tais como inserção no mercado de trabalho, contato com profissionais de diversas áreas e, principalmente, um melhor aprimoramento do conhecimento na área

“

Os ganhos com as experiências interprofissionais são imensos. Esse contato entre os núcleos profissionais contribui sobremaneira para o desenvolvimento de cada profissão, uma vez que ultrapassa as barreiras da clínica tradicional para uma clínica ampliada”

Vanessa Lima, coordenadora da Residência Multiprofissional em Saúde da Família da UFPE

de interesse associado ao suporte técnico-científico dos preceptores (profissionais do serviço, responsáveis pela orientação no campo de estágio-trabalho) e tutores (docentes, especialistas responsáveis por desenvolver o conteúdo teórico).

“Ao final da residência, levo na bagagem uma maior maturidade profissional e pessoal, maior segurança e habilidade prática, o entendimento da importância da atuação em equipe multiprofissional para o sucesso de um trabalho bem desenvolvido e, sobretudo, o desejo de continuar estudando e aprimorando meus conhecimentos”, finaliza a fonoaudióloga Ana Terra.



SISTEMA DE CONSELHOS FEDERAL
E REGIONAIS DE FONOAUDIOLOGIA

CFFa – 12º COLEGIADO

Gestão Abril 2016 a Abril 2019

Presidente: Thelma Regina da Silva Costa – CRFa 2-4211
Vice-Presidente: Marlene Canarin Danesi – CRFa 7-0439
Diretora-Tesoureira: Sílvia Maria Ramos – CRFa 5-121
Diretora-Secretária: Márcia Regina Teles – CRFa 2-3957
Assessora da Comissão de Divulgação: Suzana Campos –
Jornalista Responsável – MTB 4390527

Crefono 1ª Região

Presidente: Lúcia Provenzano – CRFa 1-1700
Vice-Presidente: Lúgia Ribeiro – CRFa 1-11220
Diretora-Secretária: Kátia Santana – CRFa 1-5399
Diretora-Tesoureira: Vanessa Jurelevicius – CRFa 1-11196

Crefono 2ª Região

Presidente: Márcia Cristiane de Freitas
Mendes Civitella – CRFa 2-4619
Vice-Presidente: Vera Regina Vítagliano Teixeira – CRFa 2-1458
Diretora-Secretária: Heloisa de Oliveira Macedo – CRFa 2-4524
Diretora-Tesoureira: Ana Leia Safro Berenstein – CRFa 2-3979

Crefono 3ª Região

Presidente: Francisco Pletsch – CRFa 3-4764
Vice-Presidente: Josiane Borges – CRFa 3-5984
Diretora-Secretária: Jozélia Duarte B.
de Paula Ribas – CRFa 3-2831
Diretora-Tesoureira: Solange Coletti
Schnekenberg – CRFa 3-4081

Crefono 4ª Região

Presidente: Juliana de Arruda Fraga – CRFa 4-7880
Vice-Presidente: Sílvia Damasceno Benevides – CRFa 4-5719
Diretora-Tesoureira: Bianca Arruda
Manchester de Queiroga – CRFa 4-5115
Diretora-Secretária: Jônia Alves Lucena CRFa – 4-5048

Crefono 5ª Região

Presidente: Christiane Camargo Tanigute – CRFa 5-323
Vice-Presidente: Marcia Regina Salomão – CRFa 5-180
Diretora-Secretária: Neyla Arroyo Lara Mourão – CRFa 5-20
Diretora-Tesoureira: Eliana Souza da
Costa Marques – CRFa 5-10849

Crefono 6ª Região

Presidente: Cláudia Gomes Ligocki – CRFa 6-7697-2
Vice-Presidente: Gabriela Cintra Januário – CRFa 6-3314
Diretor-Secretário: Tiago Costa Pereira – CRFa 6-7101
Diretora-Tesoureira: Nadiana Moreira
de Andrade – CRFa 6-1804

Crefono 7ª Região

Presidente: Luciana Kael de Sá – CRFa 7-6174
Vice-Presidente: Lea Travi Lamonato – CRFa 7-9087
Diretora-Tesoureira: Daniela Zimmer – CRFa 7-10869-2
Diretora-Secretária: Simone Lorelei Meneghetti – CRFa 7-6536

Crefono 8ª Região

Presidente: Charleston Teixeira Palmeira – CRFa 8-4367
Vice-Presidente: Karine Medeiros Carvalho – CRFa 8-8581
Diretora-Tesoureira: Lia Maria Brasil
de Souza Barroso – CRFa 8-5676
Diretora-Secretária: Fernanda Mônica
de Oliveira Sampaio – CRFa 8-4678

CONSELHO EDITORIAL

CFFa

Suzana Campos – Jornalista
Sílvia Ramos – Conselheira
Marlene Danesi – Conselheira
Mônica Petit – Conselheira
Mônica Karl – Conselheira

CRFa 1ª Região

Rose Maria – Jornalista
Lúcia Ribeiro – Conselheira

CRFa 2ª Região

Márcia Gama – Conselheira

CRFa 3ª Região

Emerson Mizga – Jornalista
Simone Ferreira dos Santos – Conselheira

CRFa 4ª Região

Maurício Júnior – Jornalista
Jônia Lucena – Conselheira

CRFa 5ª Região

Danilo Mantovani – Conselheiro

CRFa 6ª Região

Isadora Dantas – Jornalista
Cláudia Gomes Ligocki – Conselheira

CRFa 7ª Região

Cibele Avendano – Jornalista
Luciana Kael de Sá – Conselheira

CRFa 6ª Região
Isadora Dantas – Jornalista
Cláudia Gomes Ligocki – Conselheira

CRFa 7ª Região
Cibele Avendano – Jornalista
Luciana Kael de Sá – Conselheira

CRFa 8ª Região
Thaiane Firmino – Jornalista
Charleston Teixeira Palmeira – Conselheiro

REVISTA COMUNICAR PRODUÇÃO EDITORIAL



SAUS Quadra 5 – Bloco N – Lote 2 – Edifício OAB – 10º andar
Asa Sul – Brasília/DF – CEP 70070-913
Tel.: (61) 3208 1155 • Fax: (61) 3208 1100
www.icomunicacao.com.br

Revista em formato digital

PARA ANUNCIAR

Tel. (61) 3322-3332

e-mail: fono@fonoaudiologia.org.br

Como entrar em contato com a Revista Comunicar:

SRTVS Qd. 701, Ed. Palácio do Rádio II – Bl. E,

Salas 624/630 – Tel.: (0 ** 61) 3322-3332

3321-5081/3321-7258 – Fax: (0 ** 61) 3321-3946

e-mail: imprensa@fonoaudiologia.org.br

site: www.fonoaudiologia.org.br